



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NARRATIVAS SURDAS: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE E NA CULTURA  
SURDA E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

TAIANE SANTOS DOS SANTOS

Pelotas

2012

## NARRATIVAS SURDAS: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE E NA CULTURA SURDA E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPEL) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente.

Orientadora: Dra. Madalena Klein

Pelotas

2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:  
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881**

S588n Santos, Taiane Santos dos

Narrativas surdas: experiências na comunidade e na cultura surda e a constituição de identidades / Taiane Santos dos Santos; Orientadora: Madalena Klein. – Pelotas, 2012.

116f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – FaE. Programa de Pós-Graduação em Educação -PPGE. Universidade Federal de Pelotas.

## BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Madalena Klein – UFPEL (orientadora)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Adriana Da Silva Thoma – UFRGS

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Denise Bussoletti – UFPEL

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Tatiana Lebedeff – UFPEL

## Dedicatória

Aos meus pais, por serem a base de tudo que construí em minha vida.

Ao meu amor, por estar presente em todas as minhas conquistas.

## Agradecimentos

A Deus, que guia todos os meus passos e sempre me dá força para nunca desistir de meus sonhos, como este que se realiza agora.

Aos meus pais, Luiz Carlos e Delma, pelo amor, pelo carinho, pela alegria e pelas oportunidades, sem as quais não seria possível chegar onde estou. Agradeço pelo apoio e dedicação.

Ao Márcio, meu amor e companheiro de todas as horas, amigo acima de tudo, o qual esteve sempre ao meu lado, com todo amor, dedicação e paciência. Agradeço tua confiança e tua compreensão quando eu me encontrava exausta e angustiada, obrigada por me incentivar e apoiar nesta jornada.

Às minhas irmãs Luciane e Sabrina e aos meus sobrinhos, a quem muitas vezes não dei a atenção devida. Obrigada por entenderem os dias em que eu estava ausente e as vezes em que eu estava impaciente ou parecia angustiada e distante.

À minha orientadora Madalena pela competência, paciência e compreensão, em especial pelas atenções nas revisões e sugestões, sem as quais nunca poderia concluir este trabalho.

À Bianca por ser uma eterna amiga, cúmplice e companheira que esteve presente em todo o Mestrado, estudando, discutindo e compartilhando momentos de escrita e de leitura. Obrigada por tua presença em minha vida e por estares sempre torcendo por mim, também és responsável por esta pesquisa.

Aos amigos que muitas vezes não tiveram minha companhia, pois eu estava ocupada estudando ou escrevendo, obrigada pela compreensão e amizade, em

especial à Caroline, de quem muitas vezes ocupei o tempo com preocupações de escrita ou com a pesquisa, e ela sempre me ofereceu palavras amigas e dicas valiosas.

À Tânia, professora, intérprete de Libras e amiga, por ser um referencial para mim na militância da educação de surdos, e por estar sempre disposta a me auxiliar e por me incentivar a continuar pesquisando.

Aos surdos que dispuseram seu tempo para contribuir com este estudo, enriquecendo a pesquisa com suas narrativas. A participação de todos foi indispensável.

Ao grupo de pesquisa, que com seu olhar atento trouxe grandes sugestões e contribuições para esta dissertação.

A todos os professores do Mestrado que contribuíram para minha formação, pelos ensinamentos e por aprofundar conhecimentos para este trabalho e para a vida.

Às professoras Denise, Tatiana e Adriana pelo auxílio na qualificação e por aceitarem dirigir novamente o olhar para minha escrita na defesa da dissertação. A contribuição de vocês foi muito importante para a conclusão deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos que de uma forma ou outra contribuíram com este estudo.

[...] a experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, [...] (Larrosa, 1994, p.43).



# SANTOS, Taiane, Santos dos. NARRATIVAS SURDAS: EXPERIÊNCIAS NA COMUNIDADE E NA CULTURA SURDA E A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

## Resumo

Esta dissertação tem como centralidade as narrativas surdas sobre experiências na comunidade e na cultura surda. Inspira-se em narrativas que focalizam os espaços das experiências de sujeitos surdos e os processos de constituição de suas identidades, com o intuito de problematizar como os surdos de uma comunidade específica vêm constituindo suas identidades através das experiências de vida na comunidade surda. Os sujeitos da pesquisa foram cinco surdos, que através de encontros previamente agendados foram estimulados a narrar e compartilhar suas histórias vividas na comunidade surda. Aconteceram três encontros, sendo dois em grupos pequenos (duas e três pessoas) e o último com todos os integrantes da pesquisa. Com as narrativas foi possível identificar histórias comuns, porém identidades singulares, cada uma formada a partir das vivências e percepções de mundo de maneira individual. A pesquisa constitui-se em um espaço de socialização de memórias e experiências registradas nos encontros e que suscitou narrativas riquíssimas em detalhes sobre a constituição de identidades. Esses processos deram-se, muitas vezes, em meio a conflitos e concepções novas sobre a importância da língua de sinais; da cultura surda; da comunidade surda; dos movimentos surdos; da associação dos surdos; das identidades surdas; da família e dos surdos considerados referência para outros surdos. Essas foram categorias de análise que surgiram como marcas que fortaleceram a constituição de identidades dos sujeitos da pesquisa. Pretende-se com esta pesquisa desconstruir narrativas construídas historicamente que ligavam os surdos à deficiência, apresentando narrativas, através do olhar de um grupo específico sobre suas histórias de lutas e resistência, as quais ajudam a entender a constituição das identidades culturais.

Palavras chaves: Surdos, narrativas surdas, experiências de vida, identidades e cultura surda.

# SANTOS, Taiane, Santos dos. DEAF NARRATIVES: EXPERIENCES FROM COMMUNITY AND DEAF CULTURE AND THE IDENTITIES CONSTITUTION

## Abstract

This dissertation has as its aims narratives about experiences in the deaf community and deaf culture. It has been inspired on narratives that focus on the spaces captured the experiences of deaf people and the processes of formation of their identities. It focus on discussing how a specific community of deaf people are forming their identities through the experiences of life in the deaf community. The subjects were five deaf people, that through previously scheduled meetings were encouraged to tell and share their stories lived in the deaf community. There were three meetings, two in small groups (two and three people) and the last with all members of the research. With the narrative stories it was possible to identify common but singular identities, each formed from the experiences and perceptions of the world individually. The research is in a space of socialization of memories and experiences recorded in the meetings and narratives elicited very rich in details about the constitution of identities. These processes have taken place often in the midst of conflicts and new conceptions about the importance of sign language, deaf culture, deaf community, deaf movement, the association of the deaf, deaf identities, family and the deaf considered a reference for other deaf people. These are categories of analysis that have emerged as brands that have strengthened the constitution of identities of research subjects. The aim with this research deconstruct historically constructed narratives that linked the deaf disability, presenting narratives through the eyes of a specific group on their stories of struggle and resistance, which help to understand the constitution of cultural identities.

Keywords: Deaf, deaf stories, life experiences, identities and deaf culture.

## Sumário

Dedicatória .....	04
Agradecimentos .....	05
Resumo .....	08
Abstract .....	09
INTRODUÇÃO: COMO ESTOU CONSTITUINDO O QUE ESTOU SENDO .....	11
Delineando a pesquisa .....	13
CAPÍTULO I - PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS: CAMINHOS SEGUIDOS.....	18
1.1. Sujeitos da pesquisa.....	19
1.2. Instrumentos utilizados na pesquisa.....	20
1.3. Etapas que compuseram a pesquisa.....	21
CAPITULO II - EXPERIÊNCIAS TRAZIDAS PELA MEMÓRIA E COMPARTILHADAS EM NARRATIVAS SURDAS.....	25
2.1. Memórias: Entrelaçamento do presente e do passado.....	26
2.2. Narrar é viver experiências.....	28
2.3. Narrativas na constituição dos sujeitos.....	31
2.4. A arte de narrar.....	33
CAPÍTULO III - A COMUNIDADE SURDA NA TESSITURA DA HISTÓRIA.....	35
3.1. Cultura e identidades Surdas.....	40
3.2. Identidades e diferenças.....	43
CAPÍTULO IV - FIOS E DESAFIOS NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS SURDOS: possibilidade de narrar outra história.....	47
4.1. A Língua de Sinais significada como uma forte marca surda.....	49
4.2. Os movimentos surdos e a Associação dos surdos na trajetória da comunidade surda.....	58
4.3. Produções de cultura surda e as identidades se constituindo nesse meio.....	67
4.4. A família e os referenciais surdos na constituição de sujeitos surdos...	76
ENFIM .....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
ANEXOS.....	90

## **INTRODUÇÃO: COMO ESTOU CONSTITUINDO O QUE ESTOU SENDO**

Para pensar os motivos pelos quais escolhi caminhar pelo viés da pesquisa em educação de surdos preciso primeiro relatar que sou educadora dos anos iniciais e reconheço meu compromisso com a educação. Comecei a pensar nesse compromisso quando ainda estava cursando o magistério no Ensino Médio.

Nesse período a experiência que tive foi de uma sensação de insatisfação, quando o medo e a incapacidade começaram a tomar conta de mim, ao ficar sabendo que trabalharia em meu estágio com uma turma inclusiva, com alunos com “problemas mentais”, denominados assim pela equipe escolar na qual estava me inserindo. Então, surgiu o medo e a insegurança, mas junto, a vontade de superar essa barreira e buscar uma possibilidade de desenvolver meu trabalho da melhor maneira, respeitando as diferenças.

Essa vivência me despertou um querer saber como trabalhar com esses alunos. Dessa forma, aguicei meu olhar para as diferenças. Procurei pesquisar, participar de seminários e palestras com temas sobre as diferenças, pois com a inclusão educacional, um professor nunca sabe como será o seu grupo de alunos.

Quando conclui o magistério matriculei-me no curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e foi nesse momento que obtive meus primeiros contatos

com a cultura surda<sup>1</sup>, para mim distante e até então desconhecida. Logo de imediato surgiu uma vontade de conhecer melhor essa cultura que me despertou curiosidade e admiração.

Depois de mais ou menos um ano de curso de Libras fiz vestibular e ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande/RS (FURG). Foi com grande surpresa que me deparei com uma colega surda e uma amizade surgiu rapidamente. E, conseqüentemente, intensifiquei ainda mais meu interesse nessa área.

Assim, durante os quatro anos de faculdade estive envolvida em seminários, palestras e congressos ligados à educação de surdos e a experiências cotidianas com a colega surda. Meus estudos e pesquisas foram sendo direcionados para os surdos. Em suma, fui tendo, permanentemente, contato com surdos que constroem suas identidades culturais, além de romper com barreiras em busca de uma sociedade que aceite e respeite as diferenças.

No ano seguinte à minha formatura, ingressei no curso de especialização em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no núcleo de Educação de Surdos, tendo como orientadora a professora Dra. Madalena Klein. Assim, pude realizar uma pesquisa na temática de liderança surda na Associação dos Surdos de Pelotas (ASP), enfatizando a influência dessa liderança na vida de surdos pelotenses. Com essa pesquisa estudei os movimentos surdos e o sonho do povo surdo<sup>2</sup>; encantei-me com suas lutas, rupturas e conquistas.

Com o estudo, entendi que a luta dos surdos por novas conquistas acontece no momento em que se reúnem para juntos reivindicarem direitos comuns a todos os cidadãos: educação, trabalho e lazer, além de compartilhar angústias e desejos comuns. Foi possível assim observar que a formação de

---

<sup>1</sup> O termo “cultura surda” começou a circular e tomar grande importância nos discursos há aproximadamente 20, 25 anos e funciona como um conceito legitimado pela comunidade surda, ganhando cada vez mais status de verdade e realidade (GOMES, 2011, p.126).

<sup>2</sup> Como diz Strobel “[...] povo surdo são sujeitos surdos que compartilham costumes, histórias, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades culturais, ou seja, constrói sua concepção de mundo através do artefato cultural visual, isto é, usuários defensores do que se diz povo surdo, seriam os sujeitos surdos que podem não habitar no mesmo local, mas que estão ligados por um código de formação visual independente do nível linguístico (2008, p.34.).

uma liderança surda entre eles possibilitou a transmissão de valores e padrões de sua comunidade.

Tendo em vista a finalização daquele estudo, novas vontades de continuar pesquisando surgiram, quando então ingressei no Mestrado, também da UFPel, contando mais uma vez com a orientação da professora Dra. Madalena Klein, dando continuidade aos estudos direcionados aos surdos, seus movimentos sociais de lutas e suas histórias de vida dentro da comunidade surda.

Logo, estou sendo uma pesquisadora da educação de surdos e essa vem se constituindo em uma de minhas identidades, que vem se fazendo presente no meu percurso de formação, despertando interesses que me moveram a saber mais sobre o que sujeitos surdos da cidade de Pelotas estão narrando sobre a constituição de identidades a partir de experiências na comunidade e na cultura surda.

### **Delineando a pesquisa**

Meu tema de pesquisa encontra-se nos espaços das experiências e na constituição de identidades surdas. Meu problema de pesquisa é como os surdos de Pelotas vêm constituindo suas identidades através das experiências de vida na comunidade surda<sup>3</sup>.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar narrativas surdas sobre experiências na comunidade e cultura surda, bem como a constituição de identidades dos sujeitos da pesquisa. Os objetivos específicos se encontram na análise das narrativas de surdos pelotenses imersos na cultura surda; em identificar como acontece a constituição de identidades surdas, em conhecer os espaços no qual acontecem as experiências que formam essas identidades

---

<sup>3</sup> Comunidade surda – “[...] um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem esses objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para os alcançarem” (PADDEN e HUMPHRIES, 2000, p. 5). Texto apresentado aqui a partir de tradução realizada para uso em aula.

e também em observar quais os elementos da cultura surda ficam mais evidenciados em suas narrativas.

Esta dissertação está inscrita no campo dos Estudos Surdos, o qual compreende a cultura como a identidade de um grupo, e tem embasamento em autores que centralizam a cultura e as identidades surdas, bem como em narrativas surdas, por partirem de experiências vividas e provocarem as pessoas a compreenderem-se a si e compreender aos outros. A principal intenção da pesquisa está em visibilizar a cultura e as identidades surdas, tendo como enfoque a construção identitária dos surdos pelotenses.

Para dar suporte à pesquisa, no capítulo I detenho-me na metodologia utilizada na pesquisa, na qual trabalhei com narrativas surdas com a intenção de proliferar novos discursos sobre a pessoa surda, nos quais ela se narra, vivendo suas experiências e dando sentido a elas.

No capítulo II trago concepções de memória, narrativas e experiências: a memória para ressignificar as experiências, por ser o meio para nos fazer pensar sobre quem somos e o que podemos ser; as narrativas como uma possibilidade de apresentar fatos e experiências que influenciam a construção do olhar que temos sobre nós mesmos; e as experiências narradas que evidenciam a construção de identidades, influenciando assim na constituição dos sujeitos.

No capítulo III trago como a comunidade surda é representada hoje através de sua cultura, de diferenças e de identidades surdas. Para isso preciso expor um pouco da história que vem narrando os surdos brasileiros, bem como as rupturas dessa história.

No Capítulo IV, a partir do campo teórico em que inscrevo esta pesquisa, analiso as narrativas surdas vivenciadas nos encontros realizados durante a investigação.

E por fim discuto a significação das marcas culturais na constituição das identidades dos sujeitos da pesquisa e como as memórias expostas nas narrativas sinalizadas ressignificam as identidades do grupo investigado. Assim foi possível identificar uma aproximação nas histórias quando os relatos se direcionam para movimentos e cultura surda, a qual se apresenta como um grande marco para a constituição das identidades surdas por meio da língua de

sinais, embora os surdos apresentem diferentes identidades, visto que a forma de cada indivíduo se perceber é singular.

Acredito que este estudo possa contribuir para uma compreensão dos processos de transformações sociais e políticas que vêm mudando a história do povo surdo. Portanto, a dissertação dirige seu olhar para experiências surdas e através de narrativas surdas mostra as marcas que ficaram nesses sujeitos e assim os constituíram.



## **CAPITULO I**

### **PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS: CAMINHOS SEGUIDOS**

Neste primeiro capítulo procuro apresentar a metodologia utilizada para este estudo, com o intuito de que o leitor possa ir se apropriando do desenvolvimento da pesquisa e aguçando seu olhar na percepção do que foi vivenciado pelos narradores e por mim. Apresento assim um estudo sobre como os surdos da cidade de Pelotas - RS vêm constituindo suas identidades através das experiências de vida na comunidade surda.

Para isso tive como objetivo a análise das narrativas surdas sobre experiências na comunidade e cultura surda, bem como a constituição do ser surdo. Mais especificamente, analiso as narrativas de surdos imersos na cultura surda, procurando sempre identificar como e em quais espaços acontece a constituição de identidades. Dessa forma, problematizo como os surdos dessa comunidade vêm se formando através de suas experiências de vida dentro de um grupo cultural específico.

Este trabalho tem embasamento em uma pesquisa qualitativa em Educação e a investigação se inscreve articulada a partir de referencial teórico inscrito no campo dos Estudos Culturais, no qual não há engessamento teórico, ou seja, não há um modelo pronto de mundo, uma metanarrativa a nos guiar (Veiga-Neto, 2000); o que temos são acontecimentos históricos ligados às possibilidades oferecidas pelas condições históricas de cada época. Alguns

representantes dos Estudos Culturais que guiam essa pesquisa são Hall (2006), Canclini (2007) e Bhabha (1998).

Esses estudos possibilitam uma inserção nos Estudos Surdos para visibilizar a cultura surda e as identidades surdas, enfatizando o respeito ao direito à diferença cultural e linguística. Como expõe Perlin (2003, p. 42):

A agência cultural que os Estudos Culturais remetem para os Estudos Surdos é a possibilidade de acesso às múltiplas experiências culturais do ser surdo e que remete para aquela zona de instabilidade de onde se sobressaem os surdos que são ativistas políticos, que acompanham o povo surdo.

Os Estudos Culturais trazem representações de lutas culturais e os Estudos Surdos focalizam as identidades, as línguas, as comunidades e as culturas surdas, entendendo-as a partir da diferença e do reconhecimento político. Essa concepção de estudo compreende a cultura surda como a identidade cultural de um grupo que vive uma cultura visual.

Assim, os Estudos Surdos estão envolvidos com várias questões importantes para as comunidades surdas.

Skliar (1998, p. 29) define:

Os Estudos Surdos em Educação podem ser pensados como um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções lingüísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma aproximação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos.

Para a realização deste estudo utilizei o método narrativo, me guiando em autores como Mèlich, Benjamim e outros por trabalharem com memória e experiência, as quais configuram em identidades dos sujeitos. As narrativas se utilizam da memória e essa só acontece quando há uma relação com o tempo e o espaço. A memória possibilita que os sujeitos se instalem em seu tempo, revivendo o passado e antecipando o futuro. Como diz Mèlich (2002, p,38):

[...] porque la memoria no es el simples recuerdo del pasado, sino aquel recuerdo del pasado que se utiliza ejemplarmente

para intervenir de um modo crítico sobre el presente y desear um futuro. La memoria humana es tiempo.

Compreendo a memória como um processo de construção social, forjado com base na pluralidade de interesses, lutas e contradições que perpassam nossa sociedade. A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade. Ela resulta de um trabalho de organização e seleção daquilo que é importante para o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução. Ela é “um dos elementos constituintes do sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 5). Assim, situo as narrativas como elementos estruturados em sentidos e significados que buscam conhecer as identidades do narrador e que vão sendo retratadas no diálogo estabelecido entre pesquisador e colaborador.

A narrativa sob a forma oral - ou neste caso gestual, por tratar-se de surdos - é um método que ilustra histórias que constituem o sujeito surdo. Na bibliografia referente às pesquisas que se utilizam de narrativas, é comum a referência às narrativas orais ou escritas. Nesta dissertação me detenho em narrativas sinalizadas, aquelas produzidas em língua de sinais. Como os narradores são surdos imersos na cultura surda e utilizam a língua de sinais, vivem uma experiência visual e assim as narrativas orais ou escritas não têm muito sentido para eles.

Nas histórias narradas, o que sinalizaram emergiu do resultado da interação entrevistador-narrador, o que possibilitou uma experiência com registros significativos para todos os envolvidos. Assim, as narrativas sinalizaram marcas fortes na constituição dos integrantes da pesquisa, visto que na perspectiva de Benjamin (1996) a narrativa representa a marca do narrador, é como se fosse “a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1996, p. 205).

O trabalho com esse tipo de metodologia é desenvolvido a partir do olhar e da significação que os sujeitos constroem de sua história, ou seja, sobre sua vida. Não há linearidade nem previsibilidade no que diz respeito aos assuntos narrados. O uso das narrativas como estratégia metodológica proporciona outra possibilidade de estar no mundo, uma possibilidade de reconstrução da

história e da sua constituição como sujeito, ao mesmo tempo que possibilita um novo olhar sobre essa constituição.

Penso que esse tipo de pesquisa possibilita um olhar para si mesmo, o qual auxilia o sujeito a compreender os processos de sua formação e a influência do contexto e do outro em sua própria constituição. Como a história do povo surdo por muito tempo foi narrada por ouvintes, nesta dissertação é exposta a versão de quem viveu e vive a experiência de ser surdo, sem, contudo, estabelecer critérios de verdade para essas outras narrativas produzidas pelos surdos. São sim outras formas de narrar e de narrar-se.

### **1.1. Sujeitos da pesquisa**

Os discursos que conjugaram este estudo vieram de sujeitos surdos imersos em um cenário de formação, no qual a cultura surda permeia os seus processos de formação pessoal. Levando em conta o lugar dessas narrativas, é visível que o grupo apresentou propriedade e poder para narrar a si e a seu povo.

Os discursos expostos através das narrativas de um grupo de sujeitos surdos da cidade de Pelotas, escolhidos segundo os objetivos da pesquisa, permitiram as análises pretendidas, que eram identificar como e em que espaço acontece a constituição de identidades surdas. Assim foi possível observar elementos da cultura surda como a LS, o teatro, os esportes, o encontro surdo e outros.

O interessante é que as narrativas vão evidenciando a importância de se viver em comunidade, em convívio direto com pessoas surdas. O fato de querer estar com os demais surdos faz com que a convivência e a identificação com as histórias e o próprio modo de compartilhar a vida despertem um desejo de fortalecer e participar de movimentos surdos, de unir forças em prol da causa surda. Acredito que, por esse viés, ao menos os surdos informantes desta pesquisa foram despertando para um engajamento político e social.

Os participantes da pesquisa foram cinco surdos escolhidos através de critérios como: dois deveriam ser pertencentes ao grupo por mim denominado

de pioneiros nas lutas surdas de Pelotas (grupo A), no qual contei com seu Vavá<sup>4</sup> e com o Justiceiro; dois outros surdos pertencentes a um grupo que participa da comunidade surda e com vida acadêmica consolidada (grupo B)<sup>5</sup>, mas contei apenas com um, que foi o John Lennon, e um terceiro grupo formado por dois surdos que nomeei como participantes da comunidade surda, mas sem uma vida acadêmica consolidada (grupo C), e os dois participantes foram Manuella e João Pedro. Dessa forma, apresentaram narrativas inscritas em diferentes trajetórias, as quais possibilitaram olhares diferenciados de acordo com a constituição de identidade de cada um. A seguir apresento um quadro com informações relativas aos surdos participantes da pesquisa.

<b>NARRADORES</b>	<b>IDADE ATUAL</b>	<b>IDADE COM QUE APRENDEU A LS</b>	<b>IDADE QUE PASSOU A FAZER PARTE DA COMUNIDADE SURDA</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Manuella	23 anos	2 anos	18 anos	2º grau incompleto
João Pedro	19 anos	3 anos	16 anos	2º grau incompleto
John Lennon	32 anos	13 anos	19 anos	3º grau completo
Seu Vavá	55 anos	17 anos	17 anos	2º grau incompleto
Justiceiro	42 anos	10 anos	17 anos	1º grau completo

---

<sup>4</sup> Os nomes foram escolhidos pelos integrantes da pesquisa e não seguiram nenhuma referência, sendo escolhidos de forma aleatória.

<sup>5</sup> Por motivos que fugiram ao meu alcance apenas um integrante desse grupo participou da pesquisa, pois os surdos de Pelotas que se encaixam nesse critério não tiveram disponibilidade para participar, devido aos intensos compromissos com estudos e trabalho.

## **1.2. Instrumentos utilizados na pesquisa**

Para essa metodologia utilizei narrativas surdas, as quais foram filmadas, e contei com o apoio de um profissional tradutor/intérprete<sup>6</sup> de Libras participando de todos os encontros. As transcrições foram feitas a partir da tradução oral dos intérpretes e também pela minha leitura das sinalizações dos surdos gravadas no vídeo, visto que a tradução não é literal, pois cada língua está ligada diretamente a sua cultura, então a exigência de uma tradução é que essa forneça o sentido e o significado da informação recebida, preservando-se os aspectos formais os mais próximos possíveis. A tradução é um processo que vai além da língua, pois envolve também a cultura e a história do grupo ao qual o informante pertence.

Uma estratégia utilizada para estimular as narrativas foi o uso de imagens em recortes de jornais, fotos e documentos que representam um pouco da história do povo surdo de Pelotas, apresentados por mim e pelos integrantes da pesquisa. Outra estratégia foi a criação de um filme com recortes das narrativas dos dois primeiros encontros, oportunizando a releitura dos relatos já expostos.

## **1.3. Etapas que compuseram a pesquisa**

Tomando por base os critérios anteriormente apresentados na seleção dos sujeitos da pesquisa, os envolvidos foram convidados a participar de forma voluntária dos encontros. Para tanto, apresentei um Termo de Consentimento Livre e Informado, no qual esclarecia os objetivos e os procedimentos adotados para este estudo.

A investigação foi feita em um salão no condomínio onde resido, um local com um bom espaço para a filmagem, o que fez com que todos se sentissem à vontade, e o clima sempre foi de rever amigos, falar sobre si e

---

<sup>6</sup> Os interpretes deram a garantia de que não se perdesse informações pela diferença linguística entre narrador e pesquisador.

trocar experiências. A pesquisa aconteceu em três encontros, intencionalmente organizados, utilizando-se em cada um deles um elemento motivador para desencadear as narrativas. Passo a seguir a detalhar cada um desses encontros:

Primeiro encontro<sup>7</sup>. – Reservei um dia para os dois integrantes do grupo A<sup>8</sup> e para o único integrante do grupo B. Nesse primeiro encontro apresentei a pesquisa, os objetivos e como seriam os encontros. Logo após solicitei a leitura do “Termo de Consentimento Livre e Informado” e pedi que assinassem caso estivessem de acordo, respeitando assim os aspectos éticos da pesquisa.

Então, parti para metodologia de pesquisa. Apresentei-lhe umas 120 fotos e uns 30 recortes de jornais, revistas e reportagens de movimentos surdos significantes em Pelotas<sup>9</sup>. Esses materiais fazem parte do acervo da Associação dos Surdos de Pelotas (tanto da sede quanto do blog)<sup>10</sup> e foram previamente por mim escolhidos e organizados. Solicitei que cada um escolhesse, dentre os materiais, três imagens que fizessem parte da constituição de suas identidades.



Figura 1: Imagens selecionadas e apresentadas aos participantes no primeiro encontro.

---

<sup>7</sup> Nos encontros sempre tínhamos um primeiro momento de desconcentração, quando podíamos conversar e nos conhecer melhor. Nesse momento não era solicitado intérprete, pois era uma conversa informal, sempre acompanhada de “comes e bebes”.

<sup>8</sup> Um dos integrantes desse grupo não pode estar presente nesse dia, então combinei outro encontro em que ele ficou sozinho, mas não deixou de participar.

<sup>9</sup> Esse material continha uma diversidade de imagens com representações de encontros de surdos, movimentos, passeatas, teatro, lazer, churrasco, futebol, histórias da comunidade surda de Pelotas, festas, recortes de jornais com reportagens direcionadas aos surdos, como luta por intérpretes e por escola de surdos, formaturas, ingressos de surdos em faculdade e criação da Associação dos Surdos de Pelotas, ente outras.

<sup>10</sup> Blog - <http://asp-1999.blogspot.com.br/>.

Após a escolha, cada um sinalizou o porquê da escolha dessas três imagens e expôs seu sentimento ao lembrar ou refletir sobre as imagens escolhidas. Alguns narradores pediram para escolher mais materiais, pois queriam sinalizar mais sobre sua história.

Minha intenção na utilização desse recurso foi de que, ao olharem as imagens, pudessem se transportar às experiências vividas por eles ou pela comunidade e dividir com o grupo os sentimentos e as marcas dessas lembranças; e foi exatamente isso o que aconteceu. Através dessas narrativas sinalizadas foi possível fazer conexões entre suas histórias e as marcas culturais da comunidade surda da cidade em questão.

Ao final do primeiro encontro solicitei que trouxessem para o próximo encontro objetos pessoais como fotos ou lembranças que tivessem algum significado e que caracterizassem sua história de sujeito surdo, a fim de servirem como suporte para suas memórias de experiências vividas na construção de suas identidades.

Segundo encontro – Nesse dia, como foi pedido anteriormente, os participantes trouxeram vários objetos que julgaram significativos na sua constituição. Os objetos foram: camiseta com inscrições em Libras, camisetas de formatura, camisetas da escola onde estudaram, camisetas de encontros de surdos, recortes de revistas, apostilas de Libras e lembranças da comunidade surda. Porém, dois narradores acabaram esquecendo o que foi pedido no último encontro, então solicitei que fizessem um desenho que representasse uma parte significativa de sua vida, sendo que os dois rapidamente se dispuseram a realizar a tarefa.

Para agilizar os encontros precisei me adaptar às disponibilidades de horários dos participantes, e assim me encontrei com dois sujeitos em um dia, sendo um integrante do grupo A<sup>11</sup> e o outro o integrante do grupo B. Para outro momento ficaram os dois integrantes do grupo C. Todos contribuíram ao narrar suas histórias de vida dentro de um grupo imerso na cultura surda, sendo que a estratégia era de relatarem a escolha dos objetos e o que esses objetos

---

<sup>11</sup> Infelizmente o outro participante desse grupo, por impossibilidade de tempo, acabou não participando do segundo encontro.



significam na sua trajetória de formação. Assim como no encontro anterior foi possível perceber nas sinalizações como foram se constituindo em meio a atravessamentos sociais e à imersão em uma cultura surda.

Terceiro encontro – Nesse último encontro foi o momento de analisarmos juntos os encontros anteriores. Para isso, realizei uma análise preliminar do material até então coletado nas filmagens e organizei uma edição das narrativas fornecidas no primeiro e no segundo encontro, separando-as em sete categorias<sup>12</sup> que surgiram com mais reincidência, tais como: a língua de sinais, o movimento surdo, a associação dos surdos, a comunidade surda, a cultura surda, os referenciais surdos e a família. Esse foi o único encontro onde estavam todos os participantes da pesquisa, assim foi oportunizado não só rever suas narrativas como compartilhá-las com mais sujeitos dispostos a discutir os assuntos que emergiam.

Dessa forma, foi possível rever as histórias narradas durante os encontros e conhecer algumas das quais faziam parte de outro grupo. Assim, os surdos compartilharam semelhanças nas histórias narradas e nas recordações em comum, mas também ficou visível que mesmo vivendo a mesma história de lutas, alguns sentimentos, percepções e marcas que os constituíram são diferentes, pois dizem respeito a como cada sujeito se percebe no mundo.

Nesse grande grupo, um pode complementar o outro, percebendo semelhanças e diferenças nas marcas que possibilitaram se constituírem, pois o coletivo fez muitas vezes o narrador se lembrar de outras histórias. Esse momento possibilitou um conhecimento da trajetória pessoal e coletiva de um grupo surdo referente à sua constituição como sujeitos surdos.

Essas narrativas possibilitam conhecer um pouco da história da comunidade surda de Pelotas a partir da narrativa de alguns surdos, bem como o caminho percorrido por eles, ao mesmo tempo em que possibilita um olhar por entre as coisas vividas.

---

<sup>12</sup> Essas categorias serão trabalhadas no IV capítulo, no momento de constituição da minha unidade analítica.

## **CAPITULO II**

### **EXPERIÊNCIAS TRAZIDAS PELA MEMÓRIA E COMPARTILHADAS EM NARRATIVAS SURDAS**

A memória é o que nos situa no mundo, pois ela nos diz quem somos e o que vivemos, para assim anteciparmos um futuro. A memória possibilita uma viagem no tempo. É o suporte primordial para a construção das identidades dos sujeitos, pois ela nos mostra que nada é definido na vida humana, tudo está sempre de acordo com o tempo a que pertencemos e com as interpretações que fazemos do mundo. Essas interpretações estão de acordo com a cultura em que se está inserido.

Ao utilizarmos a memória percebemos que estamos em constantes mudanças, que nossas identidades são variáveis e vão se configurando de acordo com o tempo em que vivemos. Pela memória descobrimos as possibilidades de mudanças, de ser de outra maneira e de entender o que estamos sendo, porque não há nada definido na vida. Portanto, a memória nos diz que não há passado sem futuro e não há futuro sem passado (MÈLICH, 2002).

Neste estudo, a memória é de grande interesse, pois traz à tona processos formativos e constitutivos dos sujeitos pesquisados, e as histórias de

vida na comunidade aparecem como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de transformação.

Com a utilização da memória as histórias dos sujeitos deste estudo vão sendo narradas e se constituindo em memória coletiva que nos ajudará a entender melhor a constituição das identidades surdas dos integrantes da pesquisa, além de resgatar um pouco das histórias de movimentos e lutas surdas na cidade de Pelotas, as quais deram origem à cultura surda da região.

Através da memória é possível resgatar experiências individuais e coletivas que vão sendo vivenciadas, assim podemos nomear nossas experiência e ressignificá-las. Ao mesmo tempo em que se conta uma experiência, se anuncia novas possibilidades de entender e disseminar nossa história. A experiência se imbrica na narrativa tornando-se parte da expressão de vida de um sujeito. Então contar histórias de nossa vida é experienciá-la novamente.

Assim, as narrativas tornam-se ricas e de qualidade, pois fazem com que o narrador possa viver sua experiência, compartilhá-la e entender suas próprias narrativas. Podemos dizer que, com isso, vivenciam um exercício de construção de suas identidades.

## **2.1. Memórias: entrelaçamento do presente e do passado**

Visto que a memória tem a função de nos fazer refletir sobre quem somos, como somos e como fomos constituídos, relembra-la é vivenciá-la novamente, experienciando o passado e o presente, para assim entendermos a constituição de nossas identidades. Nas histórias que narramos sobre nós mesmos encontramos subsídios para compreender nosso processo de construção.

Segundo Larrosa (1994, p.48):

O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos. Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal. Por outro lado, essas histórias estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e

que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas. Por último, essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas.

Cada identidade é formada conforme se desenvolve o processo de construção individual dos sujeitos, visto que ela não é imutável, mas sofre alterações de acordo com nossas vivências e experiências, nos transformando em quem somos. Nossas vivências na infância, a cultura na qual estamos inseridos, como fomos educados pela família, o modo como se deu nossa escolarização, a trajetória de relações sociais, enfim, tudo isso faz parte do processo de formação pessoal de cada indivíduo.

Para entender como foi se constituindo o sujeito é preciso um trabalho de investigação de como ocorreu sua formação ao longo da vida, analisando os momentos marcantes em sua trajetória que foram decisivos na construção de sua identidade. No caso desta pesquisa, é preciso compreender como o meio social e a cultura surda vai constituindo o sujeito surdo.

É na busca de tentar entender como esses sujeitos surdos se tornaram o que são hoje que vou me ater às narrativas, as quais, utilizando-se da memória, centralizaram-se nas lembranças vividas com o intuito de ressignificar sua história pessoal e coletiva. Levando em conta que as narrativas oportunizam rever histórias vividas, podemos pensar que as mesmas, conseqüentemente, trazem as representações que o narrador tem de si próprio, sem deixar de considerar que as representações estão sempre ligadas à época e à cultura na qual o narrador está inserido.

As histórias que contamos de nossa vida constituem material privilegiado para expor a forma como os homens de uma época, de uma cultura ou de um grupo social narram e interpretam sua vida e significam suas experiências. A narração “é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.56).

Assim, a memória representa uma experiência vivida e revivida pelos sujeitos que a contam, estando também ancorada no tempo e no espaço, porque traz recordações de um passado que é revivido, se transformando assim em uma nova experiência com oportunidade de mudanças e de novas

descobertas. Esse é um ponto muito relevante para este estudo, pois na medida em que os sujeitos da pesquisa se utilizam da memória, narram as experiências vividas e assim deixam registros de acontecimentos dentro da comunidade surda, mostrando como é produzida a cultura surda e como eles se constituem nesse meio.

A memória, como processo constituído historicamente por práticas discursivas, estabelece universos de significados que produzem esquemas de interpretação de fatos e acontecimentos, assim as narrativas possibilitam a organização e a constituição de experiências vividas. As narrativas materializam a memória e essa, por sua vez, apresenta uma história.

Portanto, trabalhar com narrativas tem um sentido de registrar as marcas de constituição do sujeito surdo. Essas marcas, ao serem narradas, serão recuperadas pela memória, pelas lembranças, e ao mesmo tempo transformadas em uma nova significação. Elas terão um sentido novo para o narrador, que ao se defrontar com o presente, tem um novo acontecimento de significados. Esse exercício da memória está intimamente ligado ao processo de produção das identidades desses sujeitos, que serão experienciadas novamente ao serem lembradas.

## **2.2. Narrar é viver experiências**

Toda narrativa traz histórias que se atualizam ao serem contadas (LOPES, 2010, p.35).

O principal objetivo de narrar e contar histórias está em lembrá-las e vivê-las novamente, para assim poder compartilhar suas lembranças a quem interessar. As narrativas presentes nesta pesquisa virão da “voz<sup>13</sup>” de um grupo de surdos que narram a si e a seu povo, pois com lembranças e experiências podemos vivenciar momentos históricos e culturais. Como diz Rezende e Pinto (2007, p.198),

---

<sup>13</sup> Voz não como ato físico de som oralizado, mas como possibilidade de dizer e de agir.

Nossos viveres não são vazios, nossas experiências se desenrolam no espaço com os outros e em si mesmo contribuindo na constituição das nossas subjetividades. É o espaço em que chamamos de poder-poder da cultura, poder da língua, poder da luta, poder do conhecimento, poder da experiência.

As narrativas trazem representações nas quais os narradores comunicam como se veem e como são vistos pelos outros, assim expõem sua forma de se ver no mundo. Nas narrativas podemos extrair de indivíduos ou grupos seus valores, suas qualidades e sua cultura, ou seja, elas revelam a identidade dos indivíduos, visto que “Narrar a vida é reinventá-la. É produzir novos sentidos, é reatualizar em novo contexto, as marcas inscritas em nosso corpo, em nossa história” (PÉREZ, 2003, p. 112).

As narrativas são uma possibilidade de contar o caminho percorrido para a constituição do sujeito e ao mesmo tempo um caminhar novo por entre as coisas vividas. Contar as experiências é vivenciar o ato de narrar sobre si. Ao mesmo tempo em que o ato de narrar as experiências traz à tona as identidades, também as criam e recriam, construindo assim uma compreensão de si mesmo que serve como uma abertura de espaços às múltiplas possibilidades de ser.

Em meio a essa apropriação do passado, não como ele foi, mas como é percebido hoje por quem o relembra, é que fica evidente a importância do narrador de dar coerência a momentos de sua vida e às histórias que conta. É neste estudo, que relaciona memória e experiência, que as identidades se manifestam, sinalizando a riqueza das histórias contadas.

Walter Benjamin (1994), em a *Experiência e pobreza*, relata sobre as experiências que sempre eram comunicadas aos jovens, aos pais e netos, eram histórias disseminadas oralmente e que hoje estão em vias de extinção, pois atualmente essas experiências transmitidas de boca em boca são muito raras. Ele diz que “hoje somos pobres em experiências comunicáveis” (Idem, p.115).

A narração nasce de uma experiência que é própria, mas que ao ser transmitida torna-se do outro também. Essa experiência, ao se dirigir a outra pessoa, é reelaborada e ressignificada de acordo com a forma que é interpretada. É de sua própria experiência que o narrador retira o que conta,

mas também pode ser da experiência de outros, pois o ser humano pode incorporar experiências alheias, tornando-as também suas.

A importância das narrativas está em expressar acontecimentos que contribuam para a organização das vivências dos indivíduos, que sejam significativas nas referências de si e assim ajudem a prolongar essa experiência na memória. Então, os narradores surdos, ao contarem sua história, podem se interpretar e assim se apropriar de sua própria vida, pois como diz Delory-Momberger (2008, p.36), “Quando queremos nos apropriar de nossa vida nós a narramos”. Assim o autor se expressa e exterioriza o que foi deixado em sua memória (LARROSA, 2002).

Através de recortes de sua história de sujeito surdo é possível vivenciar acontecimentos significativos em sua constituição, os quais refletem sua forma de ser, pois ao se narrarem, os sujeitos se representam e se constituem. Nessa perspectiva de narrar sua história e a do seu povo, o sujeito surdo tece seu processo de construção e reconstrução com seu próprio olhar, apresentando suas narrativas ao outro que, ao escutá-las/visualizá-las, as insere no coletivo.

Como diz Lopes (2010, p.35):

Toda narrativa traz histórias que se atualizam ao serem contadas, também oferecem ao narrador a sua possibilidade de continuidade de acordo com o que lembra e seleciona para contar de sua vida. Ao narrar-me para o outro, posso escolher acontecimentos de vida que quero imortalizar ou dar para o conhecimento do outro. Compartilho ao narrar-me das maneiras que quero ser visto e escutado.

Visto que as narrativas representam o narrador da forma que ele se percebe, podemos dizer que os integrantes da pesquisa, ao sinalizarem suas experiências individuais e coletivas em movimentos surdos e dentro de uma cultura surda, enunciam sua leitura de mundo e o processo de constituição de suas identidades surdas.

O que não podemos deixar de considerar é que as experiências e as significações da vida acontecem nas relações sociais do coletivo, nunca sozinhas, pois temos a necessidade de pertencimento a um grupo com o qual nos identificamos. É nesse contato e nas trocas de experiências que

constituímos nossas relações de estar e pertencer ao mundo, interiorizando signos comuns.

### **2.3. Narrativas na constituição dos sujeitos**

As narrativas sempre trazem experiências de vida ligadas à família, à escola, à comunidade, à sociedade e à formação profissional. Elas traduzem o que somos e o mundo em que vivemos. Somos produzidos em narrativas, em histórias que contamos, que escutamos e que lemos (LARROSA, 1996).

O mundo é percebido por cada sujeito ou grupo social de um modo muito particular; os sentidos que damos às situações e às coisas são reflexos de nosso universo de crenças e costumes, ou seja, de nossa cultura, que é construída a partir das vivências e dos valores inerentes ao grupo social a que pertencemos. Ao nos narrarmos procuramos mostrar nossa história e nossa participação no mundo, nos apresentando como sujeitos sociais e culturais.

As narrativas contadas se tornam compartilhadas e são vivenciadas pelos sujeitos que a escutam, além de serem revividas e ressignificadas pelos narradores, reconstruindo assim a história que sinalizam de si, de suas experiências pessoais – dos saberes e leituras de mundo que fazem -. Nas palavras de Delory-Momberger (2008, p.37):

[...] é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade; que polariza linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos e encadeamentos finalizados; que compõem uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra o seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada.

O ato de narrar as experiências também as criam e recriam, pois ao se narrar é possível se compreender com suas múltiplas possibilidades de ser e de estar no mundo. É por meio de narrativas que as pessoas têm a oportunidade de colocar suas experiências e percebê-las na construção de sua vida individual e coletiva. Dessa forma, muitas vezes redirecionam sua



compreensão de mundo, pois as narrativas permitem essa releitura do vivenciado e experimentado, gerando assim uma nova significação do que foi vivido.

Determinados discursos têm mais força em dados tempos e espaços culturais. Nesse sentido, quem é autorizado a falar tem o poder de atribuir sentido ao objeto de que fala, produzindo-o. Dessa forma o ato de narrar supõe sempre uma situação de poder. Neste estudo levo em conta o lugar a partir do qual os autores participantes da pesquisa se narram, ou seja, surdos produzidos discursiva e culturalmente, os quais narram a si e ao seu povo. Esse é o momento de conhecermos a história dos surdos pelos próprios surdos e não pela voz dos ouvintes.

Na atualidade os surdos estão tendo o poder de se mostrar e de sinalizar sua diferença. Mas para se chegar a esse momento histórico houve muitos acontecimentos e rupturas que foram se construindo e se reconstruindo até a constituição do discurso da surdez como diferença, que tem feito parte da realidade social desse povo.

A realidade social é sempre condicionada à época em que se está vivendo e às descobertas que estão sendo feitas, o que afeta cada ser humano, pois é nesse meio social que ele é constituído. Assim, em meio a atravessamentos, novos saberes vão sendo construídos e, com isso, novas identidades são possíveis.

As narrativas dão visibilidade para percebermos como as identidades vão se constituindo, visto que ao narrar reforçamos nossa cultura e interpretamos quem somos, e assim podemos criar um mundo possível para pertencermos (BRUNER 2003). A importância das narrativas aqui apresentadas está em representar a construção de identidades e a afirmação de pertencimento e entendimento de mundo. A nossa realidade é interpretada através do que pensamos e narramos a nosso respeito.

## 2.4. A arte de narrar

A narração nasce de uma experiência que é recontada e revivida ao ser contada. A experiência necessita ser transmitida para estar viva. Como relata Benjamin: “Contar histórias sempre foi à arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conversadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto se ouve a história” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

As histórias que contamos constituem material privilegiado para expor a forma como os homens de uma época, de uma cultura e de um grupo social narram e interpretam suas vidas, significando suas experiências. Assim, trabalhar com narrativas tem um sentido de registrar as marcas de constituição do sujeito surdo, que são recuperadas pela memória, pelas lembranças e ao mesmo tempo transformadas em uma nova significação. Elas dão um sentido novo para o narrador, que ao se defrontar com o presente, tem um novo acontecimento de significados. Esse exercício da memória está intimamente ligado ao processo de produção das identidades desses sujeitos, que são experienciadas novamente ao serem lembradas.

No ato de lembrar, evocamos momentos vividos, remontamos a vivências, trazemos à memória conteúdos vividos, valendo-nos de nossas referências atuais. Nesse ato, experiência e memória se imbricam em um processo de constituição de identidades.

Nas narrativas podemos extrair de indivíduos ou grupos os seus valores, suas qualidades e sua cultura, pois elas revelam a identidade dos indivíduos. As narrativas possibilitam aos indivíduos significarem sua história através de palavras<sup>14</sup> sinalizadas, que ao serem contadas tornam-se um conhecimento coletivo para situar sua história e conseqüentemente se orientar no mundo, visto que “Somos o relato que nos contamos e que nos contam, um relato

---

<sup>14</sup> Utilizo palavras no plural, pois me guio nos estudos de Mèlich, que diz que a palavra humana é plural. “Nunca há uma só palavra humana, mas palavras, todo um conjunto de formas expressivas, distintas, diversas. O ser humano é o ser que fala, porém que fala de diferentes maneiras” (2001, p. 269).

inacabado, que não se pode terminar” (MÈLICH, 2001,p.279). A narrativa dá ao leitor a livre interpretação da história.

Ao contarmos nossas histórias estamos extraindo sentidos do mundo (BRUNER, 2003) e o significado é dado pelo que o narrador atribui de valores e crenças que o constituem. O narrador tenta reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu.

Nesse caso, as narrativas sinalizadas vão além de fornecer informações ou preencher lacunas da documentação escrita, pois procuram apresentar a experiência pessoal do narrador por meio dos fatos que esses consideram significativos em sua trajetória. As experiências deste estudo são vivenciadas com base no diálogo entre narradores e pesquisadora, ambos experienciando um encontro, com uma riqueza de depoimentos que não são apenas informação, e sim uma compreensão mais ampla da história vivida.

Os narradores são sujeitos imersos em uma cultura com uma história de lutas e ressignificações que transparecem nas narrativas, visto que o que contamos a nosso respeito está sempre ligado ao tempo e ao meio em que vivemos. Assuntos sobre cultura e identidades serão trabalhados no capítulo a seguir.

### **CAPÍTULO III**

#### **A COMUNIDADE SURDA NA TESSITURA DA HISTÓRIA**

A comunidade surda é uma minoria que luta para ser reconhecida como um grupo cultural formado por sujeitos que compartilham identidades culturais diferenciadas, e luta também para desconstruir discursos que os identificam como deficientes auditivos. Como expõe Perlin (1998,p.71):

[...] contam as instâncias que afirmam a busca do direito do individuo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social.

Vistos sob essa perspectiva, os surdos mostram que conseguiram romper com os discursos hegemônicos que os representavam somente pelo lado da medicina, intensificando a falta de audição e a busca contínua por normalização. Hoje está sendo possível a eles criarem novas possibilidades de se narrar como sujeitos que confrontam uma história que os silenciou para atender a questões da normalidade.

A busca da normalidade vem constituindo a história do ocidente na modernidade. No Brasil, desde a chegada dos colonizadores portugueses, foram se consolidando processos de dominação, de disciplinamento dos

corpos e de controle social (LOBO, 2008). Formou-se um modelo de normalidade que consiste em ser europeu, branco, rico, cristão, letrado e sem nenhuma deficiência. Os que não se enquadravam nessa normativa por muito tempo foram excluídos, relegados à margem da sociedade e alvos da missão civilizatória. Esse processo traz as marcas do racismo, do etnocentrismo e do preconceito ainda possíveis de serem identificados na atualidade.

A invenção moderna da norma fez surgir a preocupação com a normalidade (VEIGA-NETO, 2001). Em um primeiro momento, o intuito era separar os anormais dos demais e localizá-los em lugares ou instituições que os afastassem, seja pelo medo da disseminação dos corpos desviantes, seja para um controle da norma. Essas instituições são analisadas por Foucault (1999) e por ele denominadas de práticas de sequestro dos anormais, cujas funções iam para além dos supostos objetivos de proteção e segurança.

Assim os surdos, localizados no discurso da norma como anormais (séc. XVII e XIX), foram agrupados e colocados em instituições conhecidas na época como asilos e que mais tarde passaram a se chamar escolas especiais. Com essa institucionalização a sociedade controlava aqueles que eram diferentes, que com a separação ficavam longe do contato com os normais. Wrigley (1996, p.60)<sup>15</sup> faz referência a outro cuidado da sociedade sobre os sujeitos considerados deficientes:

Salvar almas era outra razão dada, aceita e lucrativa; ela satisfazia as suposições dominantes sobre uma ligação direta entre a fala e a divindade enquanto auxiliava na competição pelo apoio lucrativo da nobreza. [...] Era comum acreditar que a sociedade precisava de proteção da "infecção" causada por males sociais que a diferença usualmente implicava.

Há séculos os anormais são vigiados e mantidos sobre orientações na busca de ajuste para uma aproximação com a norma, pois temos uma configuração de uma sociedade segura de verdades e de discursos normalizadores, e que está sempre disposta a determinar modelos ideais. "A

---

<sup>15</sup> As citações do livro *The politics of the deafness* (Políticas da Surdez), de Owen Wrigley, serão apresentadas neste estudo a partir de uma tradução realizada para uso em aula pelos participantes do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES/UFRGS).

educação dos surdos por muito tempo esteve centrada quase exclusivamente no treinamento comportamental para produzir surdos aceitáveis para a sociedade” (WRIGLEY, 1996, p. 73).

Logo, o sujeito surdo precisou romper com a concepção de surdez que vem da deficiência consolidada como incapacidade ou, como analisado por Lobo (2008), comparado ao imbecil<sup>16</sup>, o surdo-mudo (expressão utilizada até início do século XX) era considerado o quadro mais grave de degenerescência e atraso mental, sofrendo de um emburrecimento pela falta de linguagem, por não possuir o “dom da audição e da palavra” (LOBO, 2008, p.69). Dessa forma, o surdo era visto como violento, de caráter rebelde e indócil.

O surdo por muitos séculos sofreu o estigma de ser considerado um desvio da norma e a degenerescência da espécie, sendo perseguido pelos movimentos higienistas (século XIX), também conhecidos como movimentos sanitaristas, que surgiram com a invenção do urbano e tinham como objetivo manter os anormais longe do convívio social por serem inadequados, ou para garantir a segurança e a ordem social. Os higienistas preveniam o mal com suas regras e com a moral de bons costumes para a elite, buscando normalizar as condutas dos degenerados. Esse movimento estabelecia normas e hábitos para conservar e aprimorar a saúde coletiva e individual.

Além dos higienistas surgiram os eugenistas (na primeira metade do século XX), com movimentos ligados ao disciplinamento dos do corpos, conforme padrões estabelecidos. Precisavam prevenir a espécie das doenças, e propunham a regulamentação dos casamentos entre indivíduos aptos à reprodução, e a esterilização para os não aptos.

A preocupação era com a hereditariedade, na busca de curar os defeitos das pessoas, e suas ações eram dirigidas à saúde pública e à saúde psiquiátrica, objetivando um melhoramento da sociedade. Fica visível um procedimento que discrimina as pessoas, categorizando os indivíduos como quem pode e quem não pode constituir família, de acordo com a visão de um grupo que representava a elite da época.

---

<sup>16</sup> Imbecil – Elemento de desordem e periculosidade urbana.

Dessa forma, a psiquiatria, ao longo do século XIX, se estabeleceu por meio de processos de assujeitamento dos corpos, configurando-se como a especialidade legítima para diagnosticar, prevenir e tratar as chamadas “doenças mentais”. A preocupação dos movimentos eugênicos era com a busca de corpos sadios, e para isso precisavam de um aprimoramento biológico da população através da reprodução controlada.

Wrigley (1996) diz que a eugenia foi um movimento para aperfeiçoar a espécie humana, por isso contava com um controle nos casamentos. Os surdos, por exemplo, não poderiam casar com surdos, e nem poderiam conviver, sendo isolados de outros surdos.

Então os surdos eram tratados como um problema que precisava ser corrigido, e isso teve repercussão durante muitos anos, pois até pouco tempo atrás os surdos eram assujeitados a aprender a oralizar<sup>17</sup> para se assemelharem aos ouvintes. Os especialistas ditavam as regras para a normalização dos surdos. Como diz Lopes (2007, p.44):

[...] predominavam as decisões e opiniões dos religiosos defensores da palavra falada, entendida como modalidade única, comum e obrigatória para estabelecer a comunicação com os surdos. Tal situação predominou do século XII até quase todo o século XX.

Assim, esse poder disciplinador, na busca da normalização, predominou desde a colonização brasileira até o século XX, porém suas estratégias continuam até hoje. Como já foi mencionado, temos o exemplo do assujeitamento dos surdos no que se refere à utilização da língua de sinais (LS), vista apenas como um meio para a oralização, bem como o não reconhecimento de seu estatuto linguístico nas atuais políticas educativas.

Além disso, as marcas atuais da sociedade e dos espaços educativos continuam refletindo uma história vista ainda pelo lado da medicina, em que a educação de surdos mantém-se ligada à falta de audição e à deficiência a ser corrigida. Assim, a história atribuiu uma incapacidade ao surdo, que foi sendo

---

<sup>17</sup> Oralismo - nome dado à abordagem que enfatiza a fala e ampliação da audição na educação de surdos. O oralismo em sua versão inicial rejeitava e proibia completamente o uso da língua de sinais. Atualmente ele não se utiliza da proibição, mas utiliza a LS como instrumento para se atingir a oralidade.

representado por muito tempo como um anormal, por não possuir a fala. Lopes (2007, p.58) nos ajuda a entender melhor sobre essa história:

[...] (nos séculos XVI, XVII e XVIII), os surdos eram vistos como incapazes de comunicação e, portanto, incapazes de pensamento – condição atribuída ao humano. O acesso à relação comunicativa com o outro, pela descrença em sua capacidade humana, era-lhe negado. É fácil compreendermos que daí resultou o entendimento de que a condição de animalidade colocada para os surdos relegava-os a posição de anormalidade.

Ficam mais uma vez visíveis as marcas do preconceito que classificam e padronizam determinados modos de ser e estar no mundo, reduzindo as possibilidades de um escape aos limites do enquadramento, o qual produz sofrimento e segregação, experiências seguidamente narradas por sujeitos surdos quando falam de si. Trago aqui um exemplo através de uma narrativa de um integrante<sup>18</sup> da pesquisa que representa muito bem uma marca de normalização que faz parte da experiência desse narrador<sup>19</sup>:

*Eu pedia pela Libras na escola, eu gostava de Libras, mas eu era obrigado a só oralizar para parecer com um ouvinte, mesmo sabendo que eu nunca seria um ouvinte (Excerto narrativa de Justiceiro, 1º encontro).*

Justiceiro mostra que durante muitos anos os surdos foram mantidos pelo discurso da oralidade, ou seja, era-lhes imposta uma cultura ouvinte. Nas palavras de Lane (1992, p.43):

O colonizador é o padrão ao qual outras formas de opressão podem ser equiparada envolvendo, tal como ele, a subjugação física de um povo enfraquecido, a imposição de uma língua e de costumes estrangeiros, e o controle da educação em nome dos objetivos dos colonizadores.

A sociedade sempre teve a preocupação de criar táticas reparadoras e corretivas para a surdez, por considerá-la uma doença, um defeito. E essas heranças sociais ainda estão impregnadas em muitos discursos atuais que

---

<sup>18</sup> Todos os excertos das narrativas de surdos participantes da pesquisa estarão organizados dessa forma: recuadas dois centímetros da margem e em itálico, e às vezes com imagem ao lado, a fim de se diferenciarem dos referenciais.

<sup>19</sup> É interessante ressaltar que a escolha das narrativas era livre. Embora houvesse recursos visuais para auxiliar a memória, a escolha de qual imagem ou objeto seria utilizado diz respeito ao que os sujeitos gostariam de sinalizar referentemente à sua constituição identitária.



caracterizam o surdo como o deficiente ou o anormal, um sujeito que precisa se enquadrar na cultura vigente em que a língua oral é primordial.

São observáveis os efeitos dos discursos sobre o sujeito, os quais estão sempre em constante processo de significação e variam de acordo com as diferenças culturais que são atravessadas nas relações de poder vivenciadas socialmente. Skliar (1998, p.11) nos ajuda a entender a surdez como diferença cultural em que múltiplos sentidos entram em disputa, constituindo-se em possibilidades desses sujeitos se autonarrarem.

[...] a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência.

As identidades surdas ainda são inscritas nos discursos da deficiência, o que marca as possibilidades de constituição dessas identidades, que são problematizadas pelos movimentos surdos de lutas e rupturas de uma visão médica que reflete a falta e a incapacidade.

### **3.1. Cultura e identidades Surdas**

*Eu penso que a identidade tem um tempo diferente.  
(Excerto narrativa do John Lennon, 1º encontro)*

A cultura é constituída através de construções simbólicas que permitem ao indivíduo constituir identidades próprias inseridas em práticas significativas. Essas ressignificações possibilitam o multiculturalismo<sup>20</sup>, no qual cada cultura é formada em função de grupos sociais que nela se inserem pela busca de possibilidades de uma vida compartilhada.

A cultura surda refere-se aos códigos próprios dos surdos, às suas formas de organização, de linguagem, de valor etc., e é o lugar de constituição de sujeitos surdos com diferentes identidades. Vários grupos de surdos vêm há muito tempo lutando pelo direito de estar inseridos no contexto social vigente e por ter suas diferenças respeitadas.

---

<sup>20</sup> Multiculturalismo – é entendido aqui como reivindicação e conquista das minorias. É um território que destaca novas identidades políticas e culturais.

Como diz Strobel (2008, p.19):

[...] um ser humano, em contato com o seu espaço cultural, reage, cresce e desenvolve sua identidade, isto significa que os cultivos que fazem são coletivos e não isolados. A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

A cultura surda vem ocupando um lugar importantíssimo no campo das formações discursivas dos surdos, em uma perspectiva culturalmente produzida na visão de quem é surdo, em um contexto político e social e por meio de discursos sobre diferença, cultura e identidade surda. Vejamos a representação de cultura surda para um dos integrantes da pesquisa:

*A cultura surda representa nossa língua, nossas experiências e nossa forma de ver o mundo. Ela é muito importante porque faz a gente se identificar com o grupo e viver feliz (Excerto narrativa de Manuella, 3º encontro).*

Ao falar sobre cultura surda não estou dizendo que todos os surdos compartilham da mesma cultura, mas sim que os surdos inseridos nela têm suas especificidades, como diz Karnopp, Klein e Lunard-Lazzarin (2011, p. 19) no fragmento a seguir:

Afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam língua de sinais diferentes e possuem diferentes experiências de vida; no entanto, independentemente do local onde vivem, um dos fatores que os identifica é a experiência visual. Isso não se relaciona a perspectivas compensatórias como usualmente são descritos os surdos: pela falta do sentido da audição, eles desenvolveriam o sentido visual. Experiência visual está relacionada com a cultura surda, representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar e de se conhecer no mundo.

É a cultura surda que significa as causas surdas e a luta pelo direito de ser diferente. Ela também produz os efeitos de valorização da língua, crenças e

costumes de um modo de ser surdo<sup>21</sup>, modo frequentemente narrado pelos surdos. Isso se deve ao significado empregado a esse termo, visto que representa uma liberdade de poder ser diferente. Nas palavras de Gomes (2011, p.130):

Durante anos, os surdos foram narrados como deficientes, como sujeitos da falta, e o discurso cultural vem proteger, socorrer, subverter essa natureza deficiente da surdez. Acredito que a noção de cultura, nos últimos anos, ganhou dimensão tão ampla e voraz em discursos tão prolixos, estando esses intimamente ligados à constituição do eu-surdo.

Por toda a história experimentada pelos surdos referentemente a um assujeitamento de padrões e de formas de ser é que eles ainda hoje sentem a necessidade de frisar sua diferença cultural. A cultura surda está sendo vinculada a uma noção de sujeito surdo. Nesse “modo de ser surdo foram se constituindo os movimentos, lutas, entraves políticos” (GOMES, 2011, p.132).

Em meio a esses atravessamentos de normas, padrões e culturas, as identidades surdas vão surgindo e a justificativa para a constituição dessas identidades começou a ser pautada na diferença, a qual é representada na cultura surda. Logo, a cultura é responsável pela construção da história dos surdos, como Canclini (2007, p.41) nos ajuda a entender quando discute o conceito de cultura:

Pode-se afirmar que a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social.

A cultura não é algo pronto e acabado, ela vai se modificando e se atualizando de acordo com as produções do coletivo. A cultura forma e possibilita o funcionamento de identidades distintas, de acordo com os recursos culturais disponíveis a cada indivíduo (BRUNER, 2001). Assim, os sujeitos imersos em uma cultura vão constituindo suas identidades culturais. A cultura surda proporciona o entendimento de um povo, as idéias e as percepções visuais. Na cultura surda se criam identidades surdas.

Perlin (2004, p.77) argumenta:

---

<sup>21</sup> Ser surdo não entendido como uma essência do ser, mas como possibilidade de produção de identidade em meio a significados culturais compartilhados.

As identidades surdas são constituídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.

Portanto, os sujeitos que pertencem a uma cultura surda, compartilham sonhos comuns e lutam pelos mesmos ideais, procurando ressignificar os preconceitos que sofreram e sofrem em uma sociedade que estipula normas de ser e estar no mundo. Essas experiências de sofrimentos e lutas comuns influenciam o comportamento e as crenças da cultura surda.

### **3.2. Identidades e diferenças**

*Essa construção da minha identidade surda foi se dando com encontros e desencontros, com entendimento das diferenças [...]. (Excerto narrativa John Lennon, segundo 2º encontro)*

As identidades rompem com perspectivas do sujeito único. Elas são posicionamentos que se assume, ou seja, são historicamente construídas e constituem-se de acordo com experiências vividas. Como traz Hall (2006, p.71):

[...] a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas.

Os sujeitos constroem suas identidades dentro do que vivem culturalmente, pois todas as culturas nutrem os indivíduos de subsídios para a construção de suas identidades (BRUNER, 2003). Nessa visão as identidades

estão sempre situadas em um contexto cultural e dependem da utilização de recursos culturais.

Identidades são posicionamentos construídos que fornecem referenciais para olharmos o mundo, as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as experiências de certo modo. E esse modo de nos situarmos no mundo é construído através da articulação de muitos discursos vigentes em cada época, os quais vão dando embasamento para a construção das identidades. “Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico” (HALL, 2006, p.71), ou seja, estão relacionadas a cada tempo e espaço, com suas tradições singulares.

As identidades são construídas através da cultura na qual o indivíduo está inserido. A identidade confere diferenças, ela se evidencia em termos da consciência da diferença e do contraste do outro.

As diferenças são produzidas em práticas que dão sentido aos indivíduos, elas identificam os sujeitos de acordo com o conhecimento cultural no qual estão inseridos. A diferença cultural apresenta um lugar determinado, no qual acontece uma produção de identidades articuladas com os discursos produzidos nesse meio. Como menciona Bhabha (1998, p.63):

A diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referenciais, aplicabilidade e capacidade.

É na diferença cultural que se produz o conhecimento cultural, pois ela é quem situa o indivíduo em um lugar determinado, no qual as relações produzem identidades interligadas com o grupo cultural, fortalecendo assim os sistemas de identificação que são construídos através das experiências dos sujeitos. Ao significarem a surdez como diferença, os surdos conceituam a cultura surda e referenciam a diferença cultural. Nas palavras de Bhabha (1998, p. 63):

[...] a diferença cultural é o processo de enunciação da cultura como 'conhecível', legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural.

Desde que os movimentos surdos começaram a se identificar pelo viés da diferença, muitas reivindicações começaram a surgir: direito à educação, ao

uso da língua de sinais, à presença de intérpretes de Libras etc. Muitas de suas lutas se reverteram em ganhos, mas elas não cessaram, pois as reivindicações vão continuar existindo enquanto a sociedade continuar reproduzindo as desigualdades, quer sejam religiosas, étnicas, políticas ou sociais, impedindo que a riqueza cultural venha a ser respeitada.

É nessa afirmação da diferença que o povo surdo vem lutando e assim constituindo identidades, demarcando com isso processos de in/exclusão de indivíduos ou grupos. Nas palavras de Silva (2000, p.82):

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarar sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído, Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora.

A constituição das identidades implica pertencer a um grupo cultural, levando em consideração as diferenças existentes em cada grupo. As diferenças são fundamentais na construção de uma proposta cultural que não incentive e não reproduza as desigualdades. Para respeitar as diferenças é preciso desmistificar a cultura como um único padrão de ser, pensar e sentir, e passar a entendê-la como culturas que representam grupos distintos. É através da cultura que acontece a reconstrução histórica das pessoas em seus diversos aspectos no espaço social.

Identidades e diferenças estão sempre ligadas e são construídas, fabricadas e nomeadas culturalmente. É quando notamos a necessidade de diferenciações que elas efetivamente acontecem. Isso ocorre no contexto das relações do mundo com a cultura e com a sociedade. Nas palavras de Silva (2000, p.78):

A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem.

É precisamente porque as identidades não são inatas que não podemos deixar de pensá-las como construções imersas em um local de formações e de práticas discursivas produzidas pela sociedade e pelas histórias que

constituem os sujeitos. São essas histórias que nos possibilitam ver o outro e como ele está sendo produzido em meio aos discursos que se conjugam nas suas relações de mundo, proporcionando a tessitura da sua constituição.

Por isso este estudo procurou deter-se nas histórias que os surdos contam da formação das suas identidades. Os indivíduos possuem histórias únicas, construídas não só a partir da vivência do agora, mas também através de suas memórias pessoais, das lembranças do passado que vão se comunicando com o presente e, assim, vão sendo significadas. Narrar essas experiências dá visibilidade às trajetórias dos sujeitos e dos grupos aos quais pertencem.

## **CAPÍTULO IV**

### **FIOS E DESAFIOS NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS SURDOS: possibilidade de narrar outra história**

Neste capítulo apresento as análises feitas a partir de procedimentos metodológicos que contaram com três encontros, que foram organizados de formas diferentes e explicados com mais detalhes no primeiro capítulo desta dissertação.

As narrativas aqui apresentadas se centralizam no processo de constituição das identidades surdas de cada integrante da pesquisa. Assim, ficam visíveis histórias que se inter cruzam por pertencerem a sujeitos inseridos no mesmo grupo cultural, porém suas identidades trazem peculiaridades individuais, como também sua maneira de se ver e de olhar o seu grupo cultural.

A partir das narrativas de cinco surdos pelotenses, foram perceptíveis para mim sete categorias, pensadas a partir dos assuntos que surgiram no trabalho de campo da pesquisa, que se direcionaram para a língua de sinais, o movimento surdo, a associação dos surdos, a comunidade surda, a cultura surda, os modelos surdos e a família. Essas sete categorias, entre outras, traduzem marcas culturais das identidades surdas.



Como o leitor irá perceber no decorrer do capítulo, é difícil separar essas categorias de análise, pois estão imbricadas, suas constituições dependem umas das outras por representarem de forma global a cultura surda. Então juntei algumas em que o assunto poderia se repetir e produzi quatro subseções para uma melhor organização. Ainda assim, são assuntos que se complementam e estão entrelaçados.

São elementos constitutivos de identidades surdas que recheiam este capítulo e representam os sujeitos entrevistados. O grupo presente na pesquisa sinaliza seu pertencimento a uma comunidade que compartilha uma cultura diferenciada, repleta de marcadores surdos.

Parafraseando Lopes e Veiga-Neto (2006), os marcadores surdos se constituem no momento em que se tem uma comunidade surda, na qual os sujeitos se identificam como indivíduos surdos, que possuem identidades e língua compartilhadas. Uma das reincidências nas sinalizações dos narradores diz respeito a ter o direito de utilizar a Libras, a ter suas diferenças respeitadas e a ter as mesmas oportunidades dos ouvintes. As narrativas que seguem podem ser consideradas marcadores culturais surdos, pois marcam o momento em que esses sujeitos não querem mais ser vistos como desviantes dos ouvintes; ao contrario, querem ser surdos em sua singularidade, que se evidencia no compartilhamento de uma língua gestual.

Outros marcadores surdos já relatados em outras investigações e que ficaram evidenciadas nos encontros realizados no transcorrer desta pesquisa, estão representados na forma como os surdos se organizam em comunidade, nas lutas pelos seus direitos sociais e linguísticos e na experiência visual. Esses marcadores caracterizam uma cultura diferenciada com uma história em que as narrativas são próprias dos surdos.

As experiências são semelhantes e trazem as mesmas marcas, mas formam identidades diferentes, e embora se constituam muitas vezes em histórias comuns ao grupo de surdos não contarei uma a uma, e sim as organizarei neste capítulo em forma de seções. As experiências de cada narrador são singulares, nesse sentido ler as referências culturais inscritas nas narrativas possibilita ampliar a percepção do universo dos surdos pelotenses.

Na cultura surda as marcas culturais são o que identificam essa comunidade que vem rompendo com a história mencionada anteriormente, que representava o surdo como um deficiente, que dizia o que o surdo era, do que ele precisava e o que ele poderia ser. Como vimos anteriormente, hoje o surdo se representa e luta pelo direito de ser diferente e de ter a sua história respeitada.

Nas palavras de Lopes e Veiga-Neto (2006, p.87):

Os marcadores oriundos de uma visão antropológica da surdez inscrevem-na no campo das investigações e das práticas capazes de serem significadas por um grupo de pessoas que vivem e sentem a experiência visual, no caso dos surdos, de uma forma semelhante. Mais ainda, como uma possibilidade de os indivíduos surdos se inscreverem em um campo de lutas políticas, sociais, científicas, etc.

Os marcadores surdos estão representados na forma de comunidade surda, nas lutas e na experiência visual. Eles caracterizam uma cultura diferenciada com uma história narrada pelos surdos. Dessa forma representam sua identidade, que traz a diferença como uma pauta que precisa ser vista e respeitada. Segundo Perlin e Miranda (2003, p.217):

[...] olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença.

É nas marcas culturais que identificamos os surdos como um povo pertencente a uma cultura que possibilita a formação de identidades significativas. Através das marcas culturais o surdo construiu e constrói seu mundo e as suas verdades pautadas na cultura surda e no partilhar da comunidade surda. É através da comunidade surda que esse grupo compartilha metas comuns, as quais ajudam a conduzir sua vida e a pensar o mundo em que vivem.

#### 4.1. A Língua de Sinais significada como uma forte marca surda.

*[...] eu queria usar sinais e os professores não deixavam, eu ficava pensando como não podia e ficava confuso (Excerto narrativa de Justiceiro, 1º encontro).*

A língua de sinais (LS) apareceu em todos os encontros e em muitas narrativas, acredito que isso se deva ao fato de a Língua Brasileira de Sinais (Libras) representar uma das marcas mais visíveis que diferencia a comunidade surda, pois ela manifesta sua diferença linguística. Como menciona Quadros e Karnopp (2004, p.30):

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças [...] observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior. Ele foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes.

Com isso as autoras afirmam que a Libras expressa níveis linguísticos em diferentes graus, assim como as demais línguas, e apresenta uma gramática com estrutura própria. Quadros (1997) ressalta ainda que a LS apresenta-se tão complexa e expressiva quanto qualquer língua oral.

Vários autores no campo da linguística, como Ferreira Brito (1993), Quadros (1997) e Quadros e Karnopp (2004), entre outros, afirmam que as línguas de sinais apresentam sintaxe, gramática e semântica completa, mas possuem caráter diferente daqueles das línguas escritas e faladas. Os sinais são formados por meio da combinação de formas e de movimentos das mãos e de pontos de referência no corpo ou no espaço. A comunicação e expressão do povo surdo são de natureza visual-gestual.

No Brasil, graças às lutas surdas, a Libras é reconhecida como língua oficial desde 2002. Essa oficialização trouxe impactos significativos na vida

social e política do povo surdo, que se refletem na formação de professores surdos e de tradutores/intérpretes de língua de sinais, bem como na exigência da presença de intérpretes em locais públicos e instituições de ensino, entre outros.

Com as lutas e movimentos surdos há uma maior visibilidade e representatividade das causas surdas dentro da sociedade, facilitando assim sua inserção nas políticas educacionais, como fica visível no excerto de John Lennon, ao relatar seu envolvimento na organização de lutas surdas na sua cidade, após ter escolhido uma foto referente a um movimento surdo em Pelotas.

*[...] nos organizamos para que tivéssemos acesso à educação e com isso a inclusão escolar e lutamos por intérpretes para que os surdos pudessem estudar (Excerto narrativa de John Lennon; 1º encontro).*

Através dos movimentos surdos conseguiram exigir o direito à educação em LS, que por muitos anos foi proibida de ser usada nas escolas de surdos devido ao 2º Congresso Mundial de Surdos que aconteceu na cidade de Milão, na Itália, em 1880.

Essa proibição refletiu no Brasil por quase um século, pois todas as escolas de surdos aderiram a ela, representando-a como modelo ideal a ser utilizado nas instituições. A preocupação voltava-se somente para a língua oral e escrita, tendo por base o desenvolvimento da aquisição da fala, com o intuito de tornar o surdo um sujeito normal. Porém, os resultados não eram satisfatórios: os alunos surdos reprovavam bastante, poucos aprendiam a falar e levavam anos tentando aprender o português escrito, porém sem sucesso.

Assim, os surdos atravessaram o século XX com muitas dificuldades para se inserir na sociedade. Com pouca aquisição linguística e baixíssimo rendimento escolar o fracasso era vigente. Porém, não ficaram conformados, formavam grupos de surdos para troca de informação linguística. Os encontros aconteciam entre surdos ou com ouvintes que conhecessem a LS.

Isso quer dizer que a proibição do uso da LS não impediu que os surdos se reunissem para tentar desenvolver uma comunicação linguística. Com o crescimento e articulação interna desses grupos de resistência ao oralismo,

foram surgindo em todo o país várias associações de surdos, construindo assim focos de resistência e manutenção da Libras.

Essas resistências deram-se através de movimentos surdos que resistiram e mantiveram a LS fora dos espaços escolares e muitas vezes dentro deles, só que de forma escondida, como foi exposto por um dos narradores da pesquisa.

*[...] na rua nós usávamos sinais, mas na escola não queriam que usássemos, tínhamos que ter muita paciência, na sala quando a professora se virava nós sinalizávamos escondido; era chato estimular a voz. (Excerto narrativa de Manuella; 2º encontro).*

Muitos surdos viam-se obrigados a comunicarem-se discretamente em sinais, e quando eram vistos realizando esse tipo de comunicação eram repreendidos, tantos pelos professores como em casa, pelos familiares. A ideia que se passava da LS era que ela não possibilitava o desenvolvimento da fala dos alunos surdos, deixando-os preguiçosos para tentarem aprender e utilizar o português falado e escrito.

Outra narrativa que elucida o quanto foi difícil para o surdo deixar de utilizar uma língua que flui naturalmente para se submeter à língua majoritária, que não lhe atribui sentido nenhum, se encontra na narrativa abaixo:

*Eu lembro que quando eu era pequeno aqui na escola A eu só oralizava, depois fui para Porto Alegre estudar, lá então eu aprendi a língua de sinais. Quando cheguei a Porto Alegre eu só oralizava, daí comecei a copiar a língua de sinais, achei bom e comecei a utilizá-la. Mas depois minha família precisou voltar para Pelotas, retornei quando tinha uns 16 ou 17 anos, estava na sexta série, fiquei surpreso porque descobri que não tinha a 6ª série na escola A e muito menos o segundo grau. A minha mãe até foi reclamar, mas tivemos que aceitar. Então eu fui para uma outra escola estudar à noite, fui para uma turma de inclusão, mas só tinha mais um surdo na minha sala e ele era todo envergonhado. Eu estudei com muita dificuldade, eu queria usar sinais e os professores não deixavam, eu ficava pensando como não podia e ficava confuso. O surdo que estudava comigo não sabia nada da língua de sinais, eu escondido ensinava os sinais para ele e também para outros amigos surdos. (Excerto narrativa de Justiceiro; 1º encontro).*

Essas resistências quanto a terem que se assujeitar a uma língua tiveram um avanço na década de 1960, quando estudiosos começaram a divulgar que a LS constituía-se em uma língua com as mesmas características

das línguas orais. Pesquisas demonstravam a importância da LS na vida dos surdos, bem como a insatisfação por parte das pessoas surdas no que se referia à oralização.

Dessa forma, na década de 1970 começa a se pensar mais profundamente a ideia da filosofia da Comunicação Total, a qual utiliza todas as formas de comunicação possíveis na educação dos surdos, acreditando que não somente a língua, mas todo o tipo de comunicação deve ser privilegiado. Nesse momento também iniciam discussões sobre o Bilinguismo<sup>22</sup> (na educação de surdos refere-se à utilização da Libras e do Português), que oferece ao surdo ser “um agente que usa e utiliza dois sistemas simbólicos distintos, com signos distintos objetivando representar conceitos” (FERNANDES, 2005, p.22). Assim, a educação de surdos no Brasil começou a utilizar a LS como meio de comunicação e ensino-aprendizagem dos surdos.

Muitos surdos que por um longo tempo foram obrigados a se submeter à oralização, hoje veem na Libras uma possibilidade de liberdade para se expressar e se integrar no mundo, como é apresentado na narrativa abaixo:

*[...] eu achava normal oralizar, mas comecei usar Libras com os surdos e ter esse contato, daí que comecei a me surpreender com o grupo de surdos e me sentir normal como surdo. Esse contato me fez aprender muito, hoje a Libras para mim é muito normal, eu uso muito melhor, é a minha língua (Excerto narrativa de John Lennon; 1º encontro).*

Outra das narrativas compartilhadas por muitos surdos em relação à Libras e suas histórias de vida evidencia o quanto a oralização e a sinalização se constituíram em processos marcados por conflitos nos espaços educacionais. Trago aqui a narrativa de uma integrante da pesquisa no segundo encontro, no qual para auxiliar sua memória ela apresenta uma camiseta de quando tinha dois anos, estampada com o alfabeto em Libras. Com ela, a narradora remete-se ao seu primeiro contato com sua língua.

---

<sup>22</sup> A partir da perspectiva bilíngue, na educação de surdos considera-se a LS como primeira língua e a língua portuguesa, preferencialmente em sua modalidade escrita, como L2.



Figura 2: Imagem selecionada e trazida de casa pelo participante

*O meu primeiro contato com a Libras foi quando eu tinha mais ou menos 1 ano de idade, na escola A, mas ensinavam principalmente a oralizar, não era bem a Libras que ensinavam, só mostravam o alfabeto manual. O que usavam mesmo era a oralização e eu também usava aparelho. Era difícil, eu não entendia o significado. Também ensinavam música, a usar a voz, não queriam que se usasse a Libras e sim tinha um tratamento vocal. Eu não gostava, era um sofrimento (Excerto narrativa de Manuella; 2º encontro).*

Na continuidade de seu relato, Manuella aponta para a importância da oficialização da Libras:

*[...] Com o tempo veio a lei e liberou a Libras, daí ficou muito mais fácil porque antes nós perdíamos no Português, porque perdíamos o significado das palavras, eu conseguia entender um pouco porque eu escutava um pouco, então eu conseguia oralizar, a minha família é toda ouvinte e me ajudava a oralizar, mas era horrível. (Excerto narrativa de Manuella; 2º encontro).*

Porém, o conflito para definir qual o melhor caminho para se comunicar ainda se mantém em nossa sociedade, evidenciando a continuidade dos processos de normalização. É perceptível que uma das grandes conquistas do povo surdo foi a oficialização de sua língua. Para essa realização precisaram unir-se e lutar pelos seus direitos para que sua língua não fosse - e não seja - submetida a práticas oralistas, visto que até hoje na área da educação muitas vezes se utiliza a LS como subsídio para a aquisição da língua portuguesa, ou ainda como afirma Skliar (1998), em muitas escolas a língua de sinais é utilizada para alcançar a língua portuguesa, para depois ser descartada.

É importante salientar que a Libras está na ordem de uma identificação cultural de um grupo de surdos brasileiros que compartilham da experiência visual, e não está ligado ao não ouvir. Por isso, utilizar a língua de sinais vai muito além de uma condição física de não ouvir, pois sua ligação é de caráter cultural.

A Libras rompeu e continua rompendo barreiras impostas por uma sociedade que vê a língua oral como a principal forma de comunicação, impondo a todos a adequação a essa língua, pois entende que qualquer outra forma de comunicação é considerada inferior. Por isso, por muito tempo se

valorizou o oralismo, que defende que a maneira mais eficaz de ensinar um surdo consiste na língua oral. Segundo Skliar (1997), o oralismo é considerado uma imposição social de uma maioria linguística sobre uma minoria linguística. Nas narrativas aparece fortemente o sentimento de opressão sofrida pela oralização:

*Mas oralizar é muito complicado; eu não quero oralizar. Quando foi liberado a Libras tudo ficou mais fácil; tem significado, é mais tranquilo. Antes, de tanto usar a voz eu tinha até febre, mas eu conseguia oralizar, só não consigo falar perfeito, mas para mim é muito mais natural a Língua de Sinais (Excerto narrativa de Manuella; 2º encontro).*

E é evidente até mesmo uma rejeição:

*Vamos parar com a oralização, a Libras é muito mais tranquila e dá para ensinar os ouvintes, a Libras é clara, ela abre nosso entendimento e eu aprendi na escola A, por isso que eu amo essa escola (Excerto narrativa de João Pedro; 2º encontro).*

Mas sabemos que infelizmente, embora a Libras tenha sido oficializada como uma língua brasileira, ela ainda é muito discriminada e não é vista como uma língua por todos. Alguns educadores e familiares veem na LS apenas um meio para se chegar à língua portuguesa. Muitos não percebem que ela é uma língua com características próprias que são estabelecidas de acordo com a nacionalidade e até mesmo com a região a qual seus usuários pertencem.

A aquisição da Libras auxilia na construção de identidades surdas, pois ela, como qualquer outra língua, possibilita a inserção dialógica em uma comunidade, através da qual se trocam ideias, sentimentos e se compreende o que se passa em seu meio. Por esse motivo é tão importante que as escolas que trabalham com surdo utilizem o bilinguismo, que tem o objetivo de fazer com que a criança surda possa ter um crescimento - tanto linguístico como cognitivo - adequado, pois possibilita o desenvolvimento primeiro em LS e depois na língua portuguesa (LACERDA, 2000). O bilinguismo tem a intenção de que a criança surda tenha contato com a LS o mais cedo possível para possibilitar o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e social (LACERDA e MANTELATTO, 2000).

Pensando nisso, transporte-me para a narrativa de uma colega surda durante o curso de Pedagogia, quando relatávamos sobre nossa inserção na



escola na infância. O fato mais importante para ela foi ter contato com a língua de sinais, dizendo do quanto se sentiu livre para pensar.

Rangel (2004, p.12 e 13) nos apresenta sua experiência em relação ao contato com a LS, que também representa muito bem o significado da Libras para o surdo:

[...] Nunca esquecerei alguns momentos de minha vida em que eu conseguia oralizar algumas palavras e as pessoas, em minha volta, se emocionavam e batiam palmas, Para mim, não havia significado algum, sentia-me totalmente alienada e vazia. Qual era o sentido, o significado do que eu havia oralizado? Eu não sabia. [...] Quando comecei a usar língua de sinais, comecei a ser outra pessoa, comecei a conhecer o mundo. Não parei mais. Saia de casa pelo prazer de estar com surdos, viajava com eles.

Em todas as narrativas surdas aqui apresentadas fica evidente que a LS representa a compreensão do que se passa em seu meio, pois a partir da aquisição de uma língua se adquire concepções de mundo, passando assim a construir uma identidade cultural, pois o ser humano precisa significar o que sente e o que vê para assim entendê-lo.

Sacks (1998, p.52) ressalta que:

[...] um ser humano não é desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno.

Assim, a LS torna-se fundamental para que os surdos possam nomear suas experiências. É através dela que se situam no mundo, pois todo o ser humano age e interpreta o que vê e o que sente caso tiver referências sociais, que são transmitidas e entendidas através de uma língua compartilhada. É a língua que possibilita um desenvolvimento social entre os seres humanos. Isso fica claro na narrativa de um dos integrantes da pesquisa, no segundo encontro, quando ele também apresenta uma camiseta da sua infância, pertencente à escola para surdos na qual estava inserido. Esse objeto<sup>23</sup> lhe auxilia na memória para narrar essa história:

---

<sup>23</sup> Os objetos trazidos para os encontros que identificam os sujeitos ou instituições não serão apresentados na pesquisa.

*Quando eu comecei a estudar eu tinha dois anos na escola A. Para conseguir me desenvolver mais, para me comunicar com os outros surdos, eu parecia que estava sempre bravo, quieto no meu canto e eu começava a olhar os outros surdos sinalizando e ficava admirado. Eles já eram grandes, adultos e eu ainda criança, eu ficava quieto só olhando, tinha vergonha e às vezes eu estava bravo mesmo. Com o tempo fui aprendendo e me desenvolvendo em Libras e isso foi muito rápido, porque isso é natural, eu olhava e já aprendia (Excerto narrativa de João Pedro; 2º encontro).*

É nesse contato da criança surda com seus pares - e principalmente com o adulto surdo - que se possibilita o compartilhar de uma língua com significado para os seus integrantes. Assim, se oferece subsídios culturais para a constituição de identidades, que é assegurada pela cultura surda, a qual é transmitida para a criança surda nesse contato.

Na continuação da narrativa de João Pedro, ele vai argumentando a importância desse contato entre criança surda e adulto surdo:

*Na escola A já utilizam Libras; chegam alunos que não sabem nada de sinais e com o contato eles aprendem bem rápido, se adaptam junto com os surdos mais velhos, acontece a aprendizagem de Libras, bem rápido, isto é bem bom. Tem que ter sempre escola de surdos em todo o Brasil. (Excerto narrativa de João Pedro; 2º encontro).*

Como é visível, a LS desenvolve-se no contato entre surdos, ou seja, estar inserido em uma comunidade surda é fundamental para o desenvolvimento da LS (QUADROS, 1997). A LS constitui um elemento identificatório dos surdos, os quais a compartilham e se apropriam dos usos e normas dessa língua, interagindo assim em um processo comunicativo eficaz e eficiente que constitui as identidades surdas. Logo, quanto mais cedo a criança surda tiver contato com a LS, mais rápido significará, constituirá e entenderá suas próprias identidades. Nas palavras de Góes (2000, p.4):

Como a língua tem um papel constitutivo da subjetividade, esse cruzamento é complexo e torna-se complicado se a Língua de Sinais, que realmente permite à criança significar o mundo e a si própria, for adquirida tardiamente de maneira mais ou menos descaracterizada, devido à ausência dos interlocutores legítimos para essa aquisição.

Diante disso, é perceptível o quanto uma língua coloca sentidos no que vivemos. Por isso que se diz que depois que os surdos passaram a ter contato uns com os outros (seja nas escolas ou em associações) e a compartilhar uma língua própria, passaram a ter a possibilidade de refletir sobre o mundo e sobre os discursos que os representavam. Com isso conquistaram seu espaço, o qual tem sido indispensável para o desenvolvimento político, ideológico e social das identidades surdas.

#### **4.2. Os movimentos surdos e a Associação dos surdos na trajetória da comunidade surda.**

*[...] temos que lutar, buscar informações, ter coragem e força para lutar por nossos direitos*  
(Excerto narrativa de Manuella, 1º encontro).

Na seção anterior discussões foram feitas em torno das narrativas sobre Libras. Agora irei me deter nas narrativas que referenciam os movimentos surdos e mais especificamente a Associação dos Surdos de Pelotas (ASP), representada como um marco para alcançarem objetivos comuns ao grupo.

No decorrer da pesquisa, também apareceram muitas narrativas sobre a comunidade surda, comumente representada como a possibilidade de o indivíduo se aceitar como surdo, definindo suas características, comportamentos e percepções de mundo.

No que se refere aos movimentos surdos<sup>24</sup>, uma das lutas vigentes é a do reconhecimento dos seus direitos, mesmo quando já se tem a oficialização da LS e a disseminação da cultura surda. Mesmo com estudos e pesquisas na educação de surdos, é possível ainda perceber um descrédito social quanto ao reconhecimento dos surdos como uma minoria linguística que usufrui de uma língua e de uma cultura própria. Por esse motivo, os movimentos precisam estar sempre frisando as diferenças.

---

<sup>24</sup> São chamados de movimentos surdos as organizações da comunidade surda, ações políticas, esportivas, de lazer e outros fins sociais promovidos por surdos integrantes dessa comunidade.

Na cidade de Pelotas os movimentos surdos começaram a ter mais força na década de 1990, culminando com a fundação da ASP em 27 de junho de 1999, o que rapidamente se reverteu em acesso a trabalho, a outros espaços sociais e à educação<sup>25</sup>. Sua origem foi estimulada depois do V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue, que aconteceu na cidade de Porto Alegre – RS no mês de abril daquele mesmo ano. Neste congresso participaram dois surdos pelotenses que voltaram admirados por verem os surdos mostrando os seus direitos e sendo valorizados por todos os integrantes do evento. Esses surdos, ao retornarem a Pelotas, socializaram essa experiência, deixando muitos querendo participar de momentos semelhantes.

Foi quando apareceu outro marco para a criação dessa associação, o Congresso Brasileiro de Educação de Surdos que aconteceu em São Paulo naquele mesmo ano, no mês de Junho. O encontro contou com onze surdos de Pelotas, estimulados pela divulgação do congresso anterior. Esse foi um ponto importante para fortalecer o desejo de luta pela LS e o de unir os surdos pelotenses em prol de melhorias para a comunidade surda.

Assim, o desejo de criar uma associação intensificou essas lutas. Entre várias comemorações e demonstrações de um desejo cumprido e de muitos outros almejados, os surdos, através de oficinas de Libras e passeatas, começaram a divulgar para a sociedade pelotense sua cultura e sua comunicação. Para a primeira passeata, confeccionaram camisetas com uma estampa que dizia “100% surdo”, com o intuito de divulgar o orgulho de ser surdo.

No primeiro encontro com os integrantes da pesquisa essa história não passou despercebida. Entre os inúmeros materiais expostos na mesa para escolherem como processo constituinte de sua trajetória, um dos envolvidos na

---

<sup>25</sup> Assim que a ASP foi fundada, sua primeira luta foi por direito à Educação Básica, pois antes só era oferecida educação até a oitava série em uma escola especial para surdos. Quando concluíam essa primeira etapa da educação, eram raros os surdos que continuavam os estudos, pois para isso precisavam se incluir em escolas sem intérpretes e muitas vezes sem nenhuma sensibilidade às diferenças. Porém essa foi uma luta que teve êxito no ano seguinte à criação da ASP (em 2000), com a abertura de uma turma inclusiva de Ensino Médio em uma escola municipal.

pesquisa escolhe uma foto em que mostra a passeata dos surdos e argumenta assim:



Figura 3 – Imagem disponível no acervo da ASP

*Esse foi um movimento surdo em Pelotas. Nesse eu estava começando a participar, a militar, porque antes eu não fazia isso. Essa foto representa minha primeira participação mesmo nas lutas surdas como integrante da comunidade surda. Antes de acontecer esse movimento eu fui para um congresso em SP (1999). Os surdos de Pelotas junto com os ouvintes conseguiram verbas com a prefeitura para uma excursão para esse congresso; eu não estava muito a fim de ir, mas resolvi ir. Quando eu cheguei lá vi intérpretes e eu não entendia muito bem o que eles interpretavam. Eu fiquei olhando o que estava acontecendo lá e comecei a me surpreender, eu não acreditava que tinha surdos que trabalhavam com a Libras e tinham capacidades, entendiam a Libras. Percebi que ela não significava prejuízo, pelo contrário ela capacitava a comunicação e havia surdos professores, estavam palestrando e eu ficava admirado, havia muitos surdos (Excerto narrativa de John Lennon, 1º encontro).*

Nessa narrativa, John Lennon deixa claro o marco que foi para ele a participação em um congresso que deu visibilidade para a compreensão de que ser diferente não significa não ter capacidade. Na continuidade de sua narrativa ele sinaliza a importância desse congresso, não só para a sua compreensão de ser surdo, mas também para o surgimento da comunidade surda de Pelotas. Vejamos:

*No fim do congresso voltei para Pelotas e os surdos começaram a se reunir e pediram minha ajuda. Eu não sabia dizer não e não sabia o que fazer nessas reuniões de lutas dos surdos, mas eu fui, comecei a participar mais, a me envolver mais com os surdos, a aceitar a usar a Libras, a me aceitar como surdo e assim fui constituindo minha identidade de surdo. Minha mente ficou aberta para isso. Eu comecei a ter mais tempo para a associação, para reuniões, festas e lutas mesmo e também nos organizamos para que tivéssemos acesso à educação e com isso a inclusão na escola B e a luta por intérpretes para os surdos estudarem (excerto narrativa de John Lennon, 1º encontro).*

Ao ter compartilhado uma experiência significativa em sua vida e vendo a valorização e importância de sua cultura, ele, assim como outros surdos, percebeu a importância de se unir em sua cidade para lutar por direitos

humanos, contra a discriminação e a exclusão social. Dessa forma a cidade de Pelotas começou a ter movimentos surdos tensionando mudanças, principalmente pelo direito de ser reconhecida sua diferença linguística e pelo direito a uma educação de qualidade.

As pautas dos movimentos estão sempre se modificando, há vezes que são em âmbito nacional, como foi o caso da oficialização da Libras, outras vezes são regionais, como a criação de associações e direito à educação em escolas da região, mas esses movimentos estão sempre acontecendo.

Na análise das narrativas surge outro movimento em nível nacional, mas agora bem mais atual, em 2011. Nesse momento, surdos foram às ruas em várias cidades do país e principalmente em Brasília para exigir, entre outras coisas<sup>26</sup>, o não fechamento do Instituto Nacional de Educação (INES)<sup>27</sup>, com sede no Rio de Janeiro.

Com o espalhar dessa notícia os surdos começaram a se mobilizar para participarem em Brasília, reivindicando o direito das escolas bilíngues para surdos. Também ocorreram mobilizações locais, inclusive na cidade de Pelotas, como aparece na narrativa abaixo:

*Os surdos se reuniram para não deixar que o INES fosse fechado. Reuniram-se surdos, professores e intérpretes de Pelotas e de todo o Brasil, reivindicando para que o INES continuasse aberto porque a inclusão é muito complicada para os surdos. Esse movimento foi muito emocionante, ver esses surdos reivindicando, foram muitos participantes de todos os lugares do Brasil, os que não puderam ir a Brasília organizaram movimentos em sua própria cidade. Em Pelotas aconteceu uma manifestação no centro e foi muito emocionante. As manifestações mostram que não podemos parar, temos que lutar, buscar informações, ter coragem e força para lutar por nossos direitos (Excerto narrativa de Manuella, 1º encontro).*

As mobilizações que não cessam são organizadas pela comunidade surda de cada região e têm seu espaço, na maioria das vezes, nas

---

<sup>26</sup> Havia a possibilidade de o Ministério da Educação (MEC) fechar duas instituições federais especializadas, uma para deficientes visuais e outra para surdos, ambas no Rio de Janeiro. Esse fato foi a culminância de vários outros que vinham afetando o movimento surdos, quais sejam, a não incorporação das propostas surdas no CONAE – Conferência Nacional da Educação/2010 e a publicação de uma entrevista de representante do MEC em um dos números da Revista da FENEIS, não reconhecendo a cultura surda.

<sup>27</sup> O INES é o centro nacional de referência na área da surdez no Brasil. Foi a primeira instituição nessa área, criada em 1857 no Rio de Janeiro.

associações de surdos. Essas podem ser vistas como um pilar para o desenvolvimento dos surdos, pois nelas acontece a articulação entre cultura surda e conhecimento de mundo que é oportunizado através das trocas entre integrantes surdos que se identificam. Essa união, que é fortemente representada pelas associações, proporciona movimentos e lutas por garantia de qualidade de vida.

Através das narrativas analisadas nesta dissertação fica perceptível que a associação dos surdos possibilita viver sua língua sem entraves; a comunicação é livre e rápida, possibilitando o encontro entre os surdos. Nesse ambiente há a troca de experiências, uns aprendem com os outros, há uma preocupação com o desenvolvimento dos integrantes da comunidade surda. Para complementar essa análise, conto com a narrativa que segue, que explicita a importância dos surdos estarem juntos:

*[...] os surdos juntos têm mais acesso à informação e à leitura, e precisam buscar por isso um compartilhando com o outro (Excerto narrativa de Seu Vavá; 1º encontro).*

A Associação é o local de trocas, onde os surdos recebem informações através do uso de uma língua própria, compreendida e aprendida por todos os seus integrantes. A vontade de se comunicar e interagir com os seus semelhantes sempre foi tão grande que precisaram se organizar para criar um lugar referencial para todos os indivíduos, e assim constituírem marcas com as quais se identificam. Isso fica claro na narrativa de seu Vavá e de John Lennon:

*[...] as festas na ASP, os churrascos são os momentos que mais me deixam com saudades; bater papo com os surdos, ter essa convivência é muito importante para a vida dos surdos (Excerto narrativa de seu Vavá, 3º encontro).*

*A ASP é o lugar de conhecer a cultura surda, de encontrar os amigos, por isso que nos reunimos para conhecer e registrar o momento do encontro em festas e jogos; mas também é o local de lutas e reivindicações (Excerto narrativa de John Lennon, 3º encontro).*

Os surdos utilizam a associação para festividades e para viverem sua cultura, assim como para se organizarem politicamente na defesa de seus direitos para garantir sua cidadania. É um local onde a Libras é utilizada livremente suprimindo a necessidade expressada por surdos, como nessa narrativa: “[...] temos a necessidade de comunicação em Libras. [...] temos

muita vontade de sinalizar, nós precisamos sinalizar” (excerto narrativa de Justiceiro, 3º encontro). Nas palavras de Klein (1999, p.40):

Um dos principais fatores de reunião das pessoas surdas é a língua de sinais, através da qual eles encontram oportunidade de compartilhar suas experiências e seus sonhos, e também um espaço de reafirmação da luta pelo direito ao uso dessa língua.

A associação é um local de interação e lazer, no qual o surdo pode se divertir e se sentir acolhido, e também serve como um local para construir e solidificar identidades surdas. Sentindo-se compreendido por outro indivíduo, o mundo, que muitas vezes era incompreensível, começa a ser assimilado, as ações e fatos da sociedade passam a fazer sentido e, principalmente, as qualidades e capacidades próprias, antes sufocadas pelo estigma da surdez, passam a ser valorizadas pelos indivíduos surdos.

A ASP tem sido o lugar do encontro surdo-surdo e tem garantido um espaço de constituição de identidades surdas. Os encontros surdos dão a possibilidade de provocar a construção de identidades através do pensar e repensar como se posicionam socialmente no mundo, pois com o contato com seu povo vão percebendo suas necessidades.

Nas palavras de uma pesquisadora surda (PERLIN, 1998, p.54):

[...] Aquilo no momento do meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria, aquilo que os identificava, identificava a mim também, e fazia ser eu mesma, igual”. O encontro surdo-surdo é essencial para a construção de identidade surda, é como um abrir o baú que guarda os adornos que faltavam.

É esse encontro que proporciona a interação social com velhos e novos amigos, o local da cultura surda se faz nesse contato repleto de prazer e amizade. Isso é exposto na narrativa de Manuella, no primeiro encontro, quando ela se depara com uma foto que registra uma festa em comemoração ao Dia Nacional do Surdo<sup>28</sup>, e a escolheu dentre tantas outras fotos, recortes, reportagens e imagens para narrar aquele momento para ela tão significativo:

---

<sup>28</sup> O dia 26 de setembro foi escolhido pela comunidade surda como Dia do Surdo no Brasil, por ser a data oficial da fundação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em 1857, agora conhecido como INES.





Figura 4: imagem disponível em <http://asp-1999.blogspot.com>

*No dia 26 de setembro participei de um encontro com muitos surdos. Muitos deles já não estão mais em Pelotas, muitos conhecidos já casados, outros com filhos, foi muito legal esse encontro e tinha um grande número de surdos. [...] Foi muito bom esse contato com os amigos, ainda mais naquele ambiente em contato com a natureza. Essa lembrança me traz muito prazer (Manuella, 1º encontro).*

O dia do surdo tem sido motivo de orgulho para a comunidade surda, pois representa as reivindicações e as lutas desse povo. Os surdos, nesse dia, geralmente organizam passeatas e encontros para enaltecer a cultura surda. Strobel (2008, p.75) afirma que:

Esta data é comemorada em muitos países, na maioria no mês de setembro com variações de dias. Aqui no Brasil comemoramos o Dia do Surdo em 26 de setembro, porque nesta data foi um marco histórico importante – foi fundada a primeira escola de surdos no Brasil. Nesta data o povo surdo comemora com muito orgulho tendo sua cidadania reconhecida sem precisar se esconder embaixo de braços de sujeitos ouvintistas.

Além de representar um dia tão significativo, oportuniza o encontro entre os surdos, como foi muito bem narrado por Manuella. É um dia de rever amigos e compartilhar a cultura surda. Os sentidos da vida se constroem em função da qualidade das relações que se estabelecem com os outros. A presença do outro resulta em compartilhar, e as identidades surgem nessa relação. O encontro com os surdos proporciona o não estar só, ou seja:

*[...] se eu estivesse só em casa, eu estaria sozinho em minha casa, isso muitas vezes deixou minha mãe preocupada. Eu e minha mãe não temos muita comunicação, minha família é toda ouvinte, isso é muito ruim, temos dificuldades em nos entender. Então é preciso sair com os surdos, participar do grupo para me comunicar e me desenvolver mais com esse contato. Eu me reúno com os surdos para bater papo, contar piada, conhecer o mundo e me divertir, por isso que é importante esse nosso encontro (Excerto narrativa de João Pedro; 2º encontro).*

Esse encontro surdo-surdo possibilita as lutas surdas, que trouxeram as reivindicações dos surdos por seus direitos. O contato surdo-surdo forma um

grupo cultural que compartilha tradições e histórias comuns como piadas<sup>29</sup>, poesia surda e histórias construídas na vivência com a comunidade. Esse contato acontece com mais frequência nas associações de surdos e na escola. Os surdos precisam estar juntos uns com os outros para estabelecer uma relação linguística e cultural necessária.

Com os surdos juntos, as possibilidades de construção de políticas surdas são mais fortes e pertinentes ao grupo. Suas lutas sempre visam ao fortalecimento dos marcadores culturais desse povo. O encontro surdo-surdo oportuniza uma identidade de povo, um sentimento de pertencimento a um grupo.

Nas narrativas surdas aparece claramente a importância do contato surdo-surdo, como no exemplo a seguir:

*Nós queremos estar com os outros surdos, nós precisamos nos encontrar, então combinamos passeios porque é muito importante estar com nossos iguais, seja na universidade ou com as pessoas de nosso trabalho. Assim como os ouvintes se juntam e conseguem se desenvolver, nós não podemos ficar parados, nós precisamos estar juntos para poder nos desenvolver, precisamos chamar os outros surdos para o nosso grupo crescer mais (Excerto narrativa de Justiceiro; 3º encontro).*

Os espaços das associações ou tantos outros de encontros informais entre surdos podem proporcionar processos de identificação. Isso não quer dizer que devam necessariamente estar ligados a um movimento político e de lutas, mas à possibilidade do compartilhamento de língua e de experiências cotidianas comuns.

Todas essas lutas surdas que hoje se configuram em vitórias enfrentaram muitas rupturas na história, a começar pela educação de surdos de forma institucionalizada e coletiva, que só foi acontecer no final do século XIX.

Como foi falado anteriormente, como forma de resistência, os surdos mantiveram viva a sua língua fora dos espaços escolares. Na luta contra o assujeitamento vai surgindo outra história dos surdos. Com isso, a organização

---

<sup>29</sup> Piadas surdas se referem a narrativas presentes nas comunidades surdas e expressam principalmente situações bizarras vividas por muitos surdos, principalmente em situações de comunicação com pessoas ouvintes ou em relação aos artefatos produzidos por uma sociedade que privilegia a oralidade. Essas piadas são sinalizadas de geração a geração, em diferentes espaços, sendo que atualmente encontramos produções em vídeos ou impressão de desenhos divulgando essas manifestações culturais muito caras entre os surdos.

dos surdos em associações estabeleceu uma trajetória que veio potencializar as atuais lutas dos movimentos surdos. Nas lutas contínuas, nos avanços e também nos recuos, conseguiram a mudança de entendimento da surdez, que passou a ser vista como diferença cultural e não mais como deficiência.

Logo, é visível que para acontecer uma ruptura na história é preciso ter obstinação e resistência. Esses surdos que querem ser vistos como agentes da história são os que participam de movimentos e de lutas, pois cansaram de ficar silenciados, estão construindo sua própria história.

A história dos surdos é contada a partir das resistências e é através delas que é representado um povo que está constituindo sua cultura e lutando na construção de sua história. Através da criação de associações e dos movimentos surdos esse povo começou a narrar-se como diferente, distanciando-se das narrativas da incapacidade ou da deficiência, imersos em uma cultura surda que representa suas diferenças.

Aos poucos, as associações foram tomando forma e hoje representam o surdo no meio social, político e educacional. Através das associações e dos movimentos surdos esse grupo consegue narrar entre si suas conquistas sociais de educação, trabalho, esporte e lazer, bem como suas capacidades e aptidões, e com isso expõem ao mundo sua posição social.

#### **4.3. Produções da cultura surda e a constituição de identidades**

*A criação da Associação dos Surdos e as atividades de encontro e de churrasco fazem parte da nossa identidade (Excerto narrativa de seu Vavá no 3º encontro).*

Na seção anterior foi trabalhado o significado das associações e dos movimentos para a comunidade surda, como também a constante luta pelo reconhecimento da cultura disseminada pelos surdos. Aqui serão apresentadas três formas de perceber e divulgar essa cultura, assim como a constituição de identidades nesse meio.

A cultura surda é formada, segundo Strobel (2008), por artefatos culturais como: experiência visual, linguística, literatura surda, política, vida social e vida esportiva, entre outros. Com essa ideia procurei resgatar nas narrativas pesquisadas justamente como ela é representada e qual a sua importância para esses sujeitos.

Os seres humanos, que estão sempre imersos em uma cultura, vivem em um mundo interpretado simbolicamente. Segundo Mèlich (2002), cultura é uma rede simbólica. É nessa rede que vão se tecendo sujeitos culturais em suas subjetividades, e no caso da cultura surda, a constituição de sujeitos surdos.

De acordo com as narrativas, uma das formas que vêm promovendo as produções culturais tem sido o teatro surdo, como apareceu em muitas das narrativas. Seguem alguns exemplos:

*Eu adoro o teatro, pois ele é cultural para os surdos, ele mostra a Libras e histórias adaptadas para os surdos. Os surdos têm uma grande prática no teatro é como se fosse um show, eles têm capacidade de mostrar suas expressões com facilidade. Eu espero que no futuro tenha muito mais teatro (Excerto narrativa de Manuella; 1º encontro).*

*Os surdos são muito importantes no teatro porque na peça eles mostram nossa língua, curiosidades e cultura surda (Excerto narrativa de João Pedro; 1º encontro).*

Ainda na continuidade da narrativa de João Pedro, ao fixar seus olhos em uma foto de uma peça teatral de surdos pelotenses, ele expressa que as histórias representadas no teatro identificam um grupo cultural.



Figura 5: disponível no Picasa (internet). Olhar nos anexos o site.

*Com o teatro as crianças se apaixonam e ficam muito interessadas, felizes, se identificam com as histórias, com as lutas. Graças a Deus estão sempre acontecendo novas peças, que estão cada vez melhores, mostrando nossa força, que somos surdos e temos o direito de mostrar nosso trabalho. Eu amo o teatro (Excerto narrativa de João Pedro; 1º encontro).*

Os clássicos e fábulas, muitas vezes apresentados em forma de peça teatral, transmitem uma moral implícita referente às histórias de vida para que,

principalmente as crianças, possam compreender o mundo e agir nele, construindo significados para a vida. Nessa perspectiva o teatro pode ser entendido como uma das formas utilizadas por surdos e ouvintes engajados na cultura surda para registrar marcas identitárias da comunidade surda.

A importância do espaço cultural representado pelo teatro aparece evidenciando que, através dele, reafirma-se o surdo como um sujeito cultural que pode e deve disseminar sua cultura no meio político e educacional. Nas narrativas que se seguem, o respeito e a admiração pelo teatro se fazem presentes.

*Eu amo o teatro, ele representa a nossa cultura e o nosso desenvolvimento, eu adoro os clássicos adaptados para nossa cultura, assim podemos ter uma identificação com as histórias* (Excerto narrativas de João Pedro, 3º encontro).

*[...] o teatro é a questão da alegria, das emoções de mostrar a cultura, isso eu acho muito bom* (Excerto narrativa de seu Vava, 3º encontro).

*[...] no teatro não temos vergonha de nada, é um momento muito emocionante, traz poesia, histórias surdas e piadas* (Excerto narrativa de Manuella, 3º encontro).

O teatro, por ser uma arte voltada à expressão facial e corporal, é algo que agrada o surdo e dá prazer aos que executam a peça e aos que a assistem. O teatro ajuda a mostrar à sociedade a cultura de uma minoria linguística. As peças são apresentadas em Libras e são muito proveitosas para os surdos, pois é o momento em que podem contar suas histórias utilizando todas as possibilidades das expressões faciais e corporais, bem como os aspectos linguísticos que a LS oferece. Nos relatos fica claro que para os surdos é muito fácil expressar-se em peças teatrais. Strobel (2008, p.68) vem a complementar o exposto neste parágrafo:

No teatro, a expressão através das feições, corpo e língua de sinais são constantemente praticadas pelos sujeitos surdos, por isso eles têm grande talento para expressar as suas identidades culturais através de desenhos no ar: as poesias, as narrativas e as contações de histórias.

Então, por meio do teatro, como também da literatura<sup>30</sup>, os surdos registram as lutas e conquistas das comunidades surdas ao longo dos anos, representando histórias surdas contadas de geração a geração. Nos excertos, fica evidente que a cultura surda proporciona o entendimento compartilhado de um povo, de suas ideias e percepções visuais. É por esse motivo que os surdos não cansam de mostrar que construíram identidades distintas daquelas que os narravam, seja na medicina, na psiquiatria ou em outros campos. Hoje eles se narram e representam suas diferenças compartilhando uma língua, contando histórias, piadas e criando formas de pertencimento aos contextos sociais.

Outra forma que vem promovendo as produções culturais é o esporte, o que ficou evidenciado nas narrativas. Segundo os participantes da pesquisa, praticar esportes é ter qualidade de vida e faz parte do desenvolvimento humano, pois proporciona interação social com um grupo, assim como o lazer e o divertimento. Assim, os esportes precisam ser estimulados também na comunidade surda. Muitas vezes os surdos são excluídos dos esportes, seja nas ruas, nos clubes ou no espaço escolar, principalmente pelos entraves com a língua, quando o grupo esportivo no qual o surdo quer se inserir não sabe Libras.

É função da comunidade surda organizar e lutar por esse espaço de lazer esportivo. Vale ressaltar que a comunidade surda de Pelotas é bem organizada quanto a esse assunto, assim como outras no país ou no exterior. Exemplo disso é a Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos, bem como a organização das Olimpíadas Surdas.

No meu primeiro encontro com o grupo surdo, um dos integrantes escolhe uma foto de um torneio de surdos e explana sobre os esportes de sua cidade com orgulho.

---

<sup>30</sup> Análises sobre Literatura surda podem ser encontradas em KARNOPP; MACHADO (2006); KARNOPP (2010); MOURÃO (2011) e ROSA (2011).



Figura 6: Imagem disponível no acervo da ASP.

[...] julgo muito importante os torneios e campeonatos porque esses jogos estimulam os surdos para aprender a jogar, ter contato com os esportes e quem sabe no futuro disputar a copa do mundo. Quando foi criada a ASP em 1999 nós já começamos a nos organizar no futebol e a participar de campeonatos em varias cidades do RS (Excerto narrativa de seu Vavá, 1º encontro).

Então, a organização de jogos e torneios proporciona momentos importantes de descontração e de encontros surdos, muito bem colocados na narrativa de seu Vavá. Outras narrativas também frisaram esse momento:

*Os esportes e o futebol tem toda uma importância de encontro, de movimento e de prazer (Excerto narrativa de Manuella, 3º encontro).*

*Os torneios, as viagens, os encontros e o contato, isso é muito importante (Excerto narrativa de seu Vavá, 3º encontro).*

Os esportes na perspectiva que vem sendo narrada neste estudo não têm como prioridade a competição, mas sim o encontro entre surdos e a emoção de jogar. Assim, campeonatos e torneios potencializam a vida social e esportiva dos surdos.

Um ponto que também não ficou de fora quando o assunto era cultura surda foi a LS<sup>31</sup>. Então, vejamos a narrativa de Manuella quanto a uma camiseta com o alfabeto em Libras, já apresentada anteriormente:

*Eu nunca quis colocar fora essa camiseta, ela é como se fosse uma marca minha, faz parte da minha cultura. Também tenho outras camisetas com sinais que eu adoro também. Quando eu colocava a camiseta ficava mais fácil, ela mostrava os sinais, muita gente perguntava como se escreve algumas palavras. Minha mãe também perguntava, por exemplo, casa, eu explicava e mostrava o alfabeto. Era difícil esquecer, eu achava muito interessante e bem mais fácil (Excerto narrativa de Manuella, 2º encontro).*

Assim como essa, a narrativa de João Pedro nesse mesmo encontro<sup>32</sup>, também se refere à LS.

---

<sup>31</sup> A LS é assunto fundamental quando se fala de surdos, por esse motivo ela aparece em praticamente toda a dissertação.



Figura 7: Imagem selecionada e trazida de casa pelo participante

*Eu trouxe essa mãozinha porque é uma marca do surdo, no dia dos surdos os alunos da Escola A as fizeram e distribuíram na festa. E eu ganhei esta, ela tem o significado universal de eu te amo<sup>33</sup>* (Excerto narrativa de João Pedro, 2º encontro).

A LS se apresenta como um marcador muito importante na cultura surda, pois com ela surgem possibilidades interativas, de compreensão, de diálogo e de aprendizagem. A aquisição da Libras oferece uma identidade linguística ao surdo.

Sabemos que existem várias outras formas de divulgar a cultura surda, mas referencio aqui somente o teatro, a literatura, os esportes e a Libras, pois foram essas que apareceram quando direcionávamos (tanto eu, quanto os integrantes da pesquisa) o assunto para a cultura surda. Essas narrativas sinalizam que a cultura surda diz respeito a tudo que identifica o grupo cultural. São momentos e movimentos organizados por surdos para promover lazer, esporte, contato surdo e o compartilhar de uma Língua.

Em meio a essa imersão na cultura surda, possibilidades de identidades culturais vão se efetivando. As identidades são condições necessárias adquiridas ao longo da vida que vão referenciando os indivíduos.

Os surdos dessa pesquisa apresentam histórias de vida muito semelhantes, porém, por serem sujeitos singulares, suas identidades dizem respeito a como cada um se compreende, visto que, como já foi bem trabalhada no Capítulo III dessa dissertação, a identidade é referente à imagem que cada um constrói e apresenta aos outros e a si próprio. Dessa forma, o sujeito percebe-se e é percebido da/pela maneira que foi se constituindo (POLLAK, 1992).

Em meio aos materiais utilizados no primeiro encontro, muitas narrativas sobre a constituição das identidades surdas foram surgindo. Dentre elas está a

---

<sup>32</sup> Nesse segundo encontro o desenvolvimento foi com objetos que eles selecionaram para trazer como marcas da sua trajetória de vida e de constituição da identidade.

<sup>33</sup> Eu te amo – da American Sign Language (ASL) – I Love You. A mão sintetiza as primeiras letras das palavras que formam a frase. Esse sinal é conhecido mundialmente pelas comunidades surdas e utilizada como uma saudação que os identifica.



narrativa de John Lennon, que escolhe, entre o material espalhado na mesa, três objetos: uma foto antiga da ASP na época de sua fundação, um recorte de uma passeata dos surdos pelotenses para a divulgação da Libras e uma foto recente de um encontro surdo<sup>34</sup>.

Na primeira foto ele relata que sua identidade, que naquele momento não era a de um sujeito surdo, pois ele não aceitava a surdez. Vejamos sua narrativa:

*Nesta foto eu tinha uns 15 ou 16 anos, não participava da ASP. Eu estava começando a participar da associação, mas ainda não aceitava a surdez. Participei um pouco e depois parei porque o significado de estar ali, para mim, era de um encontro somente. E foi muito aos poucos que fui entendendo o significado desse encontro. Eu achava muito estranho esse encontro onde utilizavam a Libras, para mim era diferente eu não cresci com Libras e achava estranho. Eu aprendi diferente, eu oralizava e sentia um pouco de vergonha da Libras; eu achava normal oralizar (Excerto narrativa de John Lennon, 1º encontro).*

Na sequência, ele continua relatando que só com o tempo foi percebendo as possibilidades de imersão social em uma língua que lhe oferece sentido. Depois, ele sinalizou sua inserção em uma escola de inclusão, onde eram oferecidos intérpretes, visto que a LS já começava a se fazer presente em sua vida. Nessa escola havia uma turma somente de alunos surdos, na qual ele estava inserido. Nesse contato direto com os surdos - e, conseqüentemente, com a comunidade surda -, ele relata que percebeu coisas boas e ruins, sinalizando assim:

*[...] lá onde tinha surdo lado a lado eu percebi que eu pensava diferente. A inclusão foi confusa no sentido de que os outros surdos ficavam preocupados comigo porque eu era diferente, percebi que as opiniões divergiam. Eu acho que eu comecei a me aceitar ali nas divergências, comecei aceitar minhas opiniões (Excerto narrativa de John Lennon, 1º encontro).*

Na continuidade, relata um momento em que estar sempre com os surdos e querer pertencer ao grupo acabou por incitá-lo a fazer e sinalizar somente o que os outros surdos acreditavam. Vejamos:

---

<sup>34</sup> Não coloco as imagens aqui, pois divulgaria o integrante da pesquisa.

*A minha identidade verdadeira se perdeu quando eu comecei querer ser igual aos surdos, concordar com tudo, me adaptar para ficar igual a eles. Até que a minha mãe percebeu que eu estava diferente e me disse que eu tinha que equilibrar a minha identidade o que eu sou e o que os outros surdos são, não precisa ser igual a todos, mas ignorei minha mãe, eu era muito jovem e precisava fazer o que faziam, parei de ler que é o que eu adorava antes, parei de utilizar o Português completamente que eu tinha usado até então. A minha identidade ficou meio louca, porque eu estava mudando completamente (Excerto narrativa de John Lennon, 1º encontro).*

Klein e Lunardi (2006, p. 16) chamam a atenção para a possibilidade de os sujeitos envolvidos nos movimentos surdos essencializarem uma cultura surda única, como se fosse compartilhada irrestritamente por todos os surdos:

Esses movimentos de afirmação de culturas surdas têm se apresentado, na maioria das vezes, como forma de cristalização de um ideal onde a essência da cultura é algo a ser buscado no contato e na aproximação entre esses sujeitos. É freqüente na literatura sobre a história das /as surdos/as e nas diferentes narrativas sobre a constituição da comunidade surda a referencia a uma origem, a um momento de desvelamento de uma identidade e de uma cultura surda.

A comunidade surda de Pelotas vivia um momento de visibilidade, organização e afirmação. Os surdos ali envolvidos tensionavam sentidos de pertencimentos. John Lennon lembra que esse foi um processo conturbado, mas indispensável para sua formação.

*Depois da formatura comecei a rever os meus conceitos, entendi que a minha mãe tinha razão quando dizia que eu tinha que equilibrar, podia viver na comunidade surda, mas não podia me anular, não podia deixar de ter minhas opiniões e vontade própria, comecei a entender que temos diferentes identidades, que preciso ser eu mesmo (Excerto narrativa de John Lennon, 1º encontro).*

Então ele apresenta o último objeto escolhido, uma foto recente onde ele está presente. Ele contextualiza explicando que hoje tem sua identidade formada, que respeita a comunidade surda, participa dela e ajuda no desenvolvimento do grupo cultural a que pertence, terminando sua narrativa com este complemento:

*Eu penso que a identidade tem um tempo diferente, antes se forçava a ter a identidade surda como uma só, mas agora não, eu percebo que tem identidades diferentes e tem que ser respeitadas; a comunidade está mais*

*madura e está entendendo isso* (Excerto narrativa de John Lennon, 1º encontro).

Esse é um relato muito pertinente à minha pesquisa, pois trata de identidades no plural, mostrando mais uma vez que elas dizem respeito a cada indivíduo, singularizado nos diferentes espaços e tempos de compartilhamento de significados.

Direcionando o foco para outra participante da pesquisa, observamos uma narrativa que se diferencia das demais vigentes na educação dos surdos atual. Essa integrante do grupo destacou que usa aparelho auditivo e gosta dele, mesmo sabendo que a maioria dos surdos rejeita-o por não ter significado ou por representar uma opressão por muitos anos imposta pela sociedade, a qual defendia ferrenhamente que o surdo deveria oralizar e não sinalizar. Percebe-se, assim, que mesmo compartilhando de experiências comuns, há possibilidades de constituições identitárias diferentes.

*[...] eu uso aparelho, é diferente, eu não sinto dor de cabeça, para mim é normal, porque eu percebo carro, moto, avião. Eu vou sempre ao médico porque eu escuto música muito alta, mas eu não tenho problema nenhum com barulho, eu gosto de música, gosto de CTG e me sinto bem com aparelho* (Excerto narrativa de Manuella, 2º encontro).

Essa narrativa surgiu no segundo encontro, quando um dos integrantes sinalizava que antigamente usava aparelho auditivo, mas odiava e agora não usa nem mesmo em casa. Então Manuella disse que com ela a utilização do aparelho é tranquila. Essa narradora é uma militante forte das lutas surdas de Pelotas, se identifica como surda e tem uma identidade que nesse ponto se diferencia de muitos surdos.

Outra narrativa que vem a contemplar as diferentes identidades deu-se mais uma vez na sinalização de John Lennon, no segundo encontro, quando ele elabora um desenho para auxiliar na visualização da memória para referir-se à constituição da identidade<sup>35</sup>. Vejam como tanto o desenho quanto sua narrativa são riquíssimos em detalhes:

---

<sup>35</sup> Lembro que a proposta desse segundo encontro tinha como tema que trouxessem de casa objetos que fizessem parte de sua trajetória de vida, com o intuito de auxiliar nas narrativas. John Lennon esqueceu-se de trazer os objetos solicitados. Então, sugeri que elaborasse um desenho que representasse algum momento significativo de sua vida e que tivesse interferido na constituição da identidade surda.



Figura 8: Imagem representada pelo participante através de um desenho.

O desenho representa uma professora no quadro negro, uma intérprete e eu. Escolhi o tema choque linguístico. [...] na escola A havia intérpretes, eles sinalizavam, por exemplo, abram os cadernos e copiem agora, além do que os professores falavam. Mas eu percebi que na interpretação faltavam preposições, vírgulas, estruturas básicas do português. Então comecei a me questionar por que não tinham essas estruturas, eu estranhava aquilo tudo. Foi depois de um tempo que eu comecei a entender que a Libras é outra língua e tem diferenças em relação ao português; comecei a entender que ela tem uma estrutura própria. Mas no começo foi um choque para mim, eu fiquei muito surpreso. Depois que comecei a entender, tudo ficou mais tranquilo, entendi que a tradução não é uma cópia. Essa construção da minha identidade surda foi se dando com esses encontros, com entendimento das diferenças e com todos os estranhamentos que tive, as dúvidas todas fazendo parte da minha construção (Excerto narrativa John Lennon, 2º encontro).

As narrativas sobre identidades aqui ressaltadas trazem uma posição de sujeitos que se assumem como surdos, conhecem sua cultura, suas diferenças e ressignificam suas experiências culturais buscando interpretar-se e entender o mundo no qual estão inseridos. De acordo com Hall (2006, p. 8), “identidades culturais abrangem aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”.

As identidades surdas têm traços comuns como pertencer a uma comunidade surda com uma cultura própria que os aproxima, porém as especificidades que os diferenciam estão demarcando que as identidades são mutáveis e múltiplas. As identidades estão ligadas às possibilidades internalizadas de maneira individual pelos sujeitos.

#### 4.4. A família e os referenciais surdos na constituição de sujeitos surdos

[...] a importância dos referenciais surdos, os surdos precisam saber que podem ser o que quiserem no futuro (excerto narrativa de Justiceiro, 1º encontro).

A seção anterior trouxe discussões acerca de representações da cultura surda e de como as identidades vêm se constituindo com essas influências. Dando continuidade às análises, analiso outras influências para a constituição de identidades, agora ligadas à família e aos referenciais surdos.

Começo pela família, reconhecida como o principal pilar para o desenvolvimento dos seres humanos. Muitos surdos nascem em famílias ouvintes. Segundo Sacks (1998), o percentual de crianças surdas em famílias ouvintes é bastante elevado, atingindo aproximadamente 95%. Geralmente quando os pais descobrem que seu filho é surdo, deparam-se com muitos conflitos, primeiro pelo choque de seu filho ser diferente e segundo por ter sempre expectativas de ter um filho ouvinte. A reação da família ao diagnóstico de surdez do filho é complexa e variável.

Para os pais, olhar para seu filho sem um dos sentidos sensoriais (audição) não é simples. Não é fácil aceitar a diferença em seu lar, adaptando-se aos novos costumes e necessidades. Diversos estudos apontam que, para o processo de socialização da criança surda com sua família ouvinte ocorrer de maneira satisfatória, faz-se necessário que essa família reconheça sua especificidade. Para que isso ocorra, os pais precisam estar informados a fim de buscar soluções e recursos para essa adaptação. Na sinalização de seu Vavá, em nosso segundo encontro, quando ele desenha algo para dissertar<sup>36</sup>, expõe a importância da família no desenvolvimento dos surdos da seguinte forma:

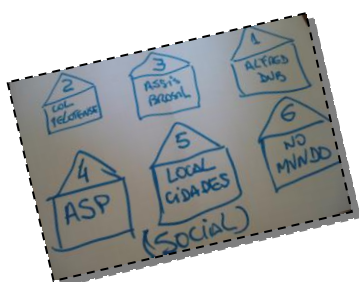


Figura 9: Imagem representada pelo participante através de um desenho.

*O ambiente familiar para os surdos é muito importante porque depois de ter a avaliação médica de que a criança é surda a família precisa levar para uma escola de surdos que pode ter um ensino melhor para o surdo estudar, crescer e se desenvolver no mundo, até conseguir se relacionar com o mundo, concluir ensino médio, fundamental, graduação, pós, doutorado. É muito importante o acompanhamento familiar. [...] Organizei as casinhas nesta ordem porque desta forma é que podem ser incluídos na sociedade (Excerto narrativa de Seu Vavá, 2º encontro).*

<sup>36</sup> Seu Vavá foi também um dos participantes que esqueceu do pedido de trazer objetos que fizessem parte de sua trajetória de vida. Diante disso, ele ficou com a segunda proposta, a de desenhar algo que pudesse ajudá-lo a representar algum momento significativo de sua vida, como já mencionei anteriormente.

Fica evidente que a família possui papel fundamental no processo de socialização do surdo. Logo, precisa ter uma posição clara sobre a surdez e suas concepções, precisa ter consciência de que o surdo deve ser aceito em suas diferenças. Cabe aos pais de crianças surdas procurarem auxílio de profissionais da área da educação de surdos, assim como contato com escolas e associações de surdos para entender melhor a surdez, a fim de auxiliar o desenvolvimento de seu filho e conseqüentemente seu processo de integração na sociedade.

Em outra narrativa aparece até mesmo um chamado da obrigação dos pais:

*Os pais precisam ter amor pelos filhos que são surdos. Quando vão ao médico porque percebem que os filhos não escutam barulho e descobrem que os filhos são surdos, eles precisam amar esses filhos (Excerto narrativa de João Pedro, 3º segundo encontro).*

A família apareceu nas narrativas sempre com exemplos de que os surdos precisam que apoiem suas diferenças, pois em muitos casos há resistências à aceitação de um filho surdo, não conhecendo e não querendo utilizar recursos que são oferecidos para a inserção do surdo na sociedade. Pela falta de conhecimento da surdez ou pelas representações sobre os surdos e a surdez, a maioria das famílias recorrem ao primeiro método que lhes apresentam, pois acreditam que seus filhos surdos poderão ouvir e ser como ouvintes.

O pesquisador Skliar (1998) e outros que estudam a surdez, apontam de forma predominante que é necessário que os surdos tenham acesso a instituições que lhes possibilitem contato com outros surdos e com a LS o mais cedo possível, para que se desenvolvam e conheçam a si mesmos. Isso permitirá a construção de identidade positiva, o que possibilita participar na sociedade como cidadãos autônomos. E é perceptível, nas narrativas acima, essa preocupação.

Outro ponto que surge ao longo dos encontros da pesquisa é o quanto é bom quando as mães se dispõem a aprender a língua de seus filhos surdos.

*Na escola A quando eu era pequena, a minha mãe também aprendeu Libras; tem um curso de Libras para as mães na escola. Minha mãe ficava preocupada em como seria nossa comunicação, para não perder esse contato ela aprendeu. Mas a maior parte dos pais não tem tempo, pois trabalham, mas eles querem ajudar os filhos para que tenham essa*

*comunicação, explicar as coisas para os filhos, mas nem sempre conseguem fazer isso. A minha mãe é quase uma intérprete, mas o meu pai o que aprendeu já esqueceu, então a minha mãe serve de intérprete para nós. Eu tenho uma prima surda que mora em Porto Alegre, mas tem implante coclear, então não utiliza língua de sinais, então a minha família aprendeu Libras por minha causa (Excerto narrativa de Manuella, 2º encontro).*

A família, ao escolher colocar seu filho em instituições que utilizem a Libras no seu cotidiano, muitas vezes sente-se preocupada em relação a esse processo; há certo receio de que essa será a melhor alternativa. Porém, hoje as escolas de surdos estão embasadas em uma perspectiva cultural e linguística que vê a LS como a primeira língua dos surdos. Essas escolas precisam fazer reuniões com os pais, conversas, debater e oportunizar trocas de experiências entre os familiares de surdos para que possam compreender a surdez a partir dessa perspectiva cultural.

Assim, os pais ouvintes terão mais facilidade em aceitar e até mesmo utilizar a LS com seus filhos. Muitos pais vão utilizá-la por acreditarem de fato que a Libras é a língua de seus filhos, outros pelo simples fato de obterem resultados ao se comunicar, e não porque acreditem na Libras. A aceitação do outro e suas diferenças como uma singularidade humana é uma necessidade dentro do ambiente familiar e da sociedade.

Penso, assim como Skliar (1997), que os familiares precisam fazer uso da LS, principalmente nos anos iniciais da criança, por estar inserindo-se no meio linguístico e cultural surdo. Os pais precisam participar da vida dos surdos, aceitar sua diferença e buscar aprender com elas.

Depois da família, geralmente começam a surgir os referenciais surdos, seja no ambiente escolar, nas associações ou em meio aos encontros surdos. Nas narrativas analisadas foram surpreendentes as sinalizações a respeito de uma integrante da comunidade surda de Pelotas, professora de surdos dos anos iniciais, como uma referência que dissemina a cultura surda e envolve os surdos nas causas surdas, uma líder em educação de surdos.

Outros professores surdos existem na cidade, mas ela se destaca, talvez por ter sido uma das primeiras professoras surdas a lecionar para surdos. Mas, por que a escolha de uma professora, com tantos militantes que lideram grupos e representam a comunidade surda para a sociedade? Penso que seja porque

ela é uma professora que ensina mais do que conteúdos, pois mostra que o surdo tem capacidade de ser um sujeito competente, de ter uma profissão e valores. Ela auxilia no desenvolvimento social dos surdos, os estimula e foi a primeira a mostrar o valor de uma professora surda ao ensinar alunos surdos.

Vejamos narrativas a respeito:

*[...] ela estimula os surdos, ensina muita coisa para as crianças surdas, ela é um referencial, ela vive estimulando a todos, inclusive a mim, para que pudesse crescer e não perder informações. Ela é uma professora muito boa, muito especial, é uma professora perfeita (Excerto narrativa de João Pedro, 1º encontro).*

*Ela é muito importante porque ensina os surdos, tem uma representação muito grande na comunidade porque ensina os surdos de 1ª a 8ª série, um trabalho muito bom. Ela representa a educação desses surdos e mostra a capacidade dos surdos hoje. Tem vários surdos com graduação, uns no mestrado mostrando que são iguais aos ouvintes (Excerto narrativa de seu Vavá, 2º encontro).*

Ainda sobre a mesma referência surda, não posso deixar de apresentar essa outra narrativa, na qual um integrante da pesquisa, no primeiro encontro olha uma foto<sup>37</sup> dessa professora e sinaliza que ela é o exemplo de que é na educação que há possibilidade de desenvolvimento humano, cultural e social.

*Essa foto traz uma pessoa que representa coragem; é um exemplo para mim. Eu dou parabéns para ela porque é professora de surdos, é surda e é uma conquista para Pelotas. Com pessoas como ela, sabemos que o futuro dos surdos será bem melhor. Se antes os surdos eram limitados até a 5ª série, hoje não têm fronteiras, os surdos tem uma estrutura pronta para progredir (Excerto narrativa de Justiceiro, 1º encontro).*

Mais uma vez o crescimento ao qual se refere o narrador está estreitamente ligado à educação escolar, por ser o local de encontro com a comunidade surda e muitas vezes o único local de possibilidades de viver a cultura surda. Lopes e Veiga-Neto (2006, p. 96) dizem que a “escola sempre será um espaço de encontro surdo, além de ser ela a primeira instituição onde muitos têm a chance de conviver e se autoidentificarem com outros surdos”.

Assim as escolas, principalmente as de surdos, têm assumido um papel que não é somente pedagógico, mas também de um espaço de formação de comunidade e de militância surda, pois hoje têm sido fortes as referências surdas imersas nas instituições escolares. Além de ser o lugar de

---

<sup>37</sup> A foto não está sendo apresentada aqui por motivos éticos de sigilo da pesquisa.



criação de novos modelos de acordo com a constituição identitária de cada época, a escola propicia o encontro do surdo com outros surdos, favorecendo que crianças, jovens e adultos surdos possam adquirir e usar a Libras.

O narrador Justiceiro coloca em sua sinalização a importância dos referenciais surdos:

*[...] Outra coisa é a importância dos referenciais surdos, os surdos precisam saber que podem ser o que quiserem no futuro. Agora que eu tenho X anos me arrependo de não ter feito cursos de capacitação, mas antes eu não sabia de nada. No ano que vem eu vou fazer um curso bem rápido para não perder tempo (Excerto narrativa de Justiceiro, 1º encontro).*

Fica evidente que as crianças surdas da atualidade têm muito mais oportunidades de desenvolvimento social do que as de antigamente, quando a concepção de surdez só era vista como deficiência e incapacidade. Os movimentos, as reivindicações e as lutas surdas alcançaram uma grande vitória no que diz respeito a mais oportunidades para as novas gerações. Nas palavras de um integrante da pesquisa “militantes fortes, são o futuro dos surdos” (Excerto narrativa de seu Vavá, 1º encontro). As militâncias mostraram e mostram que ser diferente não os impede de serem capazes de assumir direitos e deveres de todos os cidadãos.

Tecendo o estudo, encaminho a seguir para as conclusões finais, com a intenção não de trazer um resultado para o estudo, mas sim de refletir sobre como as identidades foram sendo constituídas pelos integrantes da pesquisa.

## **ENFIM ...**

Ao pesquisar como os surdos da cidade de Pelotas - RS vêm constituindo suas identidades através das experiências de vida na comunidade surda foi possível presenciar narrativas - aqui expostas -, que trazem a trajetória percorrida por cada narrador e como eles significam esse caminhar. O estudo oportunizou um compartilhar de experiências nas quais os sujeitos da pesquisa vivenciaram suas histórias de vida e puderam refletir sobre como e em que espaço foram constituindo suas identidades.

Com a pesquisa fica perceptível que necessitamos das histórias e dos relatos para dar sentido ao mundo que nos rodeia, a fim de obter certa segurança simbólica em nosso caminhar, a fim de poder encarar o futuro com expectativa e tranquilidade. O sentido está em poder estabelecer vínculos com o passado, com o futuro e com o presente.

Embora seja uma pequena amostra dentro de um universo tão grande de surdos imersos na cultura surda da cidade de Pelotas, o que fica mais evidente na análise qualitativa das narrativas é que muitas delas se aproximam. Isso pode ser um indicativo de que nessas narrativas encontram-se fragmentos históricos que estabelecem relação com toda a engrenagem histórica e social que constitui o campo da cultura surda.

Outro ponto que se pôde observar nas discussões realizadas é que a utilização da LS foi um grande marco para a constituição surda desses sujeitos.

Através da consolidação de uma língua eles puderam ter a formação de uma cultura que faz parte da comunidade surda.

O surdo defende uma posição digna na sociedade, tendo como suporte o respeito às diferenças. Hoje, percebemos que a comunidade surda tem uma trajetória organizada, revelada na estruturação de associações, na busca de espaços escolares e acadêmicos. Logo, a história do povo surdo mostra-se através de lutas e conquistas surdas, que o apresenta como um grupo que possui língua, identidade e cultura compartilhada. Ser surdo é uma condição cultural construída através de movimentos de lutas de um grupo que partilha da experiência visual. Como diz Perlin e Miranda (2003, p.217), ser surdo é:

[...] olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença.

Por meio de lutas os surdos obtiveram conquistas, mas necessitam de muitas outras lutas para que possam assegurar o direito de serem respeitadas as suas diferenças, e isso só acontece porque ainda vivemos no mundo da cegueira, metáfora tão bem exposta no livro *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995). A cegueira está em não reconhecer as pessoas, em impor verdades e normas sem se importar com o coletivo; a cegueira constituída em um mundo em que o tempo não para, que dissemina a epidemia da cegueira de não respeitar as diferenças, a cegueira da falta de visão para ver e sentir o outro.

Esse livro nos faz refletir sobre a nossa condição humana, quando Saramago narra os extremos, que de um lado representam a compaixão, a amizade, o amor, e em contrapartida a maldade, o egoísmo, a ganância, a violência, o levar vantagens sobre os outros. Esses simbolismos mostram o que podemos entender como a cegueira da modernidade. O mesmo acontece com a falta de sensibilidade dos que procuram incessantemente padronizar a cultura da sociedade, o que não deixa de estar implícito também nesse livro.

Aponto aqui uma frase muito forte da obra citada: “Estamos cegos porque estamos mortos, ou estamos mortos porque estamos cegos” (SARAMAGO, 1995, p. 241). O que é essa morte e o que é a cegueira social

que insiste em se disseminar? A sociedade dos mortos precisa aprender a ver, para assim tentar ressuscitar.

O grupo estudado em nossa investigação mostra, através de narrativas sinalizadas, que sua história tem rupturas quanto à homogeneização de uma cultura e de um modelo social de sujeito, mas para isso foi e é preciso ter obstinação e resistência. Esses surdos que hoje são vistos como agentes da história são os que participam de movimentos e de lutas surdas, que cansaram de ficar silenciados, e que estão indo em busca da sua própria história. Nesta dissertação encontram-se surdos que estão construindo sua identidade cultural, política e ideológica, além de constantemente precisarem romper com barreiras em busca de uma sociedade que aceite e respeite as diferenças.

Essas são demonstrações de lutas contra um assujeitamento, mostrando assim uma nova história, que potencializa as atuais lutas dos movimentos surdos pelo direito de compartilhar uma cultura diferenciada da maioria, pelo direito de viver a diferença. Nas lutas contínuas, nos avanços e também nos recuos, conseguiram a mudança de entendimento da surdez, que passa a ser vista como diferença cultural e não mais como deficiência.

Nas conquistas encadeadas por essa parcela da comunidade foram abertos espaços que mostram uma cultura que não quer mais ficar silenciada e exige respeito. Os surdos pelotenses estão em uma trajetória organizada que conta com a estrutura da associação na busca de espaços escolares, acadêmicos, profissionais; enfim, na busca da inclusão social.

O povo surdo, ao conseguir unir-se e representar-se como uma cultura surda minoritária, começou a exigir o direito de ter sua cultura respeitada e com isso alcançaram grandes retornos, como a oficialização de sua língua, a presença de intérpretes em instituições públicas, o direito à educação superior e a obrigatoriedade do ensino de Libras nos cursos de Licenciatura e Pedagogia, entre outras conquistas. Todos esses avanços já possibilitaram a formação de muitos graduados, mestres e doutores surdos.

Então, a memória dos sujeitos da pesquisa contribui para a composição de múltiplas fases da história da comunidade surda de Pelotas. É possível observar fragmentos da história da cultura, percebendo e reconhecendo o tempo e o espaço em que os sujeitos se inserem. Embora sejam relatos

individuais de apenas cinco surdos, por meio deles é possível identificar o coletivo, já que se pode considerar que os indivíduos são frutos de constituições históricas, culturais e temporais. Assim, pode-se afirmar que a importância deste tipo de pesquisa está justamente no olhar que se volta para si mesmo e auxilia o sujeito a compreender seus processos de formação, bem como a influência do contexto e do outro em sua própria constituição.

Com a análise dos dados da pesquisa ficou evidente também que suas histórias traziam desabafos e até mesmo denúncias de lutas, resistências e conflitos identitários. Como já mencionei anteriormente, muitas histórias entre os integrantes aproximavam-se, pois representavam a cultura surda e todas as lutas pelo direito de possuir essa cultura, porém cada indivíduo internaliza o que vive de acordo com a sua própria constituição.

As identidades dos sujeitos relacionam-se à cultura na qual esses sujeitos estão inseridos, mas também às culturas que produzem suas subjetividades. Nesta pesquisa isso fica bem claro quando alguns dizem “eu uso aparelho auditivo, gosto do barulho” e outros dizem “eu não utilizo aparelho auditivo, pois não tem significado para mim”. Também fica visível quando John Lennon ressalta que “eu não preciso ser igual a todos os surdos, eu sou diferente” ou quando ele fala das fases de sua vida, cada uma apresentando uma identidade.

Portanto, a pesquisa possibilitou identificarmos os caminhos percorridos pelos participantes e como eles significam suas experiências. Assim, foram apresentadas nesta dissertação marcas inscritas na memória de alguns surdos pelotenses que ajudam a escrever a história dessa comunidade local, que não abre mão de buscar melhorias para si e para a comunidade surda.

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas; v.1). São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BHABHA, Homik. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRUNER, Jerome. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. *La Fábrica de Histórias: Derecho, literatura, vida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A. 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e Educação figuras do individuo-projeto*. São Paulo: Paulus/EDUFRN, 2008.

FERNANDES, Eulália. *Surdez e Bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de linguas de sinais*. Rio de Janeiro: Babel, 1993

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

GOES, M.C.R. Com quem as crianças surdas dialogam em sinais? IN: LACERDA, C.B.F. de; GOES, M.C.R. de (orgs). *Surdez: Processos Educativos e Subjetividades*. São Paulo: Lovise. 2000, p.29 -49.

GOMES, Anie Pereira Goularte. A invenção da cultura surda e seu imperativo no plano conceitual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARD-LAZZARIN, Marcia lise (orgs). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrência e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 121 – 135.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Caderno de Educação*. Faculdade da Educação – UFPel, v, 36, p. 155 – 174. Pelotas/RS: Editora UFPel, 2010

KARNOPP, Lodenir Becker; MACHADO, Rodrigo N. Literatura surda: ver histórias em língua de sinais. In: *2º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação – 2 SBECE*. Canoas/RS: ULBRA, 2006. p. 1-13.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARD-LAZZARIN, Marcia Lise. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARD-LAZZARIN, Marcia lise (orgs). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrência e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p.15-28.

KLEIN, Madalena. LUNARDI, Marcia. L. Surdez: Território de Fronteiras. In: *E.T.C - Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2,p.14 – 23, junho, 2006.

KLEIN, Madalena. *A Formação do Surdo Trabalhador: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalho*. Porto Alegre Alegre: UFRGS, 1999.

LANE, Harlan. *A máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa, Instituto Piaget. 1992.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e a Educação. In SILVA, Tomaz Tadeu da. *O sujeito da educação – Estudos Foucautianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

\_\_\_\_\_. Narrativa, identidad y desidentificación. In: LARROSA, Jorge *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Alertes, 1996, p.461-482.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, Jan./Fev./Mar./Abr. 2002.

LOBO, Lilia Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. In: *Revista Perspectiva*. Florianópolis: UFSC, v. 24, n. especial, jul/ dez, 2006, p. 81 – 100.

LOPES, Maura Corcini. *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. Narrativas surdas: a condução das condutas dos escolares. In: *Anais do XV Encontro Nacional de Didática E Prática de Ensino (Endipe): convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente – políticas e práticas educacionais*. Belo Horizonte, 2010.

MÈLICH, Joan-Carles. A palavra múltipla: por uma educação (po)ética. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poética da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 269 – 280.

\_\_\_\_\_. *Filosofia de La Finitud*. Barcelona: Empresa Editorial Herder, 2002.

MOURA, Maria Cecília de. *O surdo: caminhos para uma nova Identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

MOURÃO Cláudio Henrique Nunes. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP Lodenir Becker; KLEIN,

Madalena; LUNARDI-LAZZARIN Márcia Lise. **Cultura Surda na Contemporaneidade:** Negociações, Intercorrências e Provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 71 – 90.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, T. *Deaf in America: voices from a culture.* Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Cotidiano: Histórias, memórias e narrativas. Uma experiência de formação continuada de professoras alfabetizadoras. In GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 97 – 118.

PERLIN, Gladis. Identidade Surda. In: SKLIAR, Carlos (org). *A surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 51- 73.

\_\_\_\_\_. O lugar da cultura surda. In. THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs). *A invenção da surdez: cultura, alteridade e diferença no campo da educação.* Santa Cruz do Sul: EDNISC, 2004, p. 50-79.

PERLIN, Gladis e MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. In. *Estudos Surdos.* Ponto de vista: revista de Educação e processos inclusivos nº5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003, p.200-229.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos.* N. 10, Rio de Janeiro, 1992.

QUADROS, Ronice M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B (col.). *Língua de sinais brasileira, estudos lingüísticos.* Porto Alegre: Artmed, 2004.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. *História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural.* Dissertação de Mestrado (Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

REZENDE, Franklin Ferreira Junior e PINTO, Patrícia Luiza Ferreira. Os Surdos nos Rastros da sua Intelectualidade Específica. In: QUADROS, Ronice Müller e PERLIN, Gladis (organizadoras). *Estudos surdos.* Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p.190 – 211.

ROSA, Fabiano Souto. *Literatura Surda: O que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais – Libras.* 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPel, Pelotas, 2011.

SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.* São Paulo: Cia das Letras, 1998.



SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

SILVA, Thomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do Currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2008.

SKLIAR, Carlos. Uma análise preliminar das variantes que intervêm no projeto de Educação Bilíngüe para surdos. *Espaço Informativo Técnico Científico do INES*. Rio de Janeiro, v. 6, p.49 -57, 1997.

\_\_\_\_\_. *Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre/RS: Mediação, 1998.

Wrigley, Owen. *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: PORTOCARRERO, Vera & CASTELO BRANCO, Guilherme (org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000. pp. 179-217.

\_\_\_\_\_. Incluir para excluir. In: In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poética da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.105-118.

# Anexos



## Termo de Livre Consentimento Informado

Prezado(a) Senhor(a):

Solicito sua participação voluntária no projeto de pesquisa intitulado “NARRATIVAS SURDAS: construção de identidades surdas”, de autoria da mestrandia Taiane Santos dos Santos, e orientado pela professora Madalena Klein.

Este projeto tem por objetivos analisar narrativas surdas sobre experiências na comunidade e cultura surda, bem como a constituição do ser surdo e assim um resgate de histórias de surdos pelotenses. Para tanto, serão utilizados os seguintes instrumentos: entrevistas (filmadas e transcritas com ajuda de um profissional tradutor/interprete de Libras), material diversos como fotos, recortes de revistas, documentos e recortes de jornais referentes a comunidade surda de Pelotas. As filmagens serão feitas com o intuito de garantir as releituras da constituição dos sujeitos e serão utilizadas somente entre o grupo de informantes (todos surdos). Os interpretes darão garantia que não se perca informações pela diferença linguística entre entrevistador e entrevistados. Serão três encontros (todos de mais ou menos 1h e 30m): no 1º encontro o grupo estará composto por 3 informantes da pesquisa, a entrevistadora uma interprete e uma auxiliar de filmagem, no 2º encontro o mesmo grupo, já no 3º encontro teremos mais 3 surdos para compor o total de informantes da pesquisa.

Também fica assegurado que os resultados da pesquisa serão divulgados em eventos científicos da área da educação e afins, bem como publicados em revistas de interesse da área e que todas e quaisquer identificações serão mantidas em absoluto sigilo. Qualquer informação adicional poderá ser obtida através do e-mail [taianessantos@ibest.com.br](mailto:taianessantos@ibest.com.br) ou pelo telefone (53) 91263236. A qualquer momento, o Senhor (a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado. A participação na pesquisa é voluntária, sendo assegurado o direito de desistência a qualquer momento, solicitando sua comunicação ao/s pesquisador/es quando isso ocorrer. Para tanto, foi informado o nome e telefone do responsável pela pesquisa.

### Aceite de Participação Voluntária

Eu \_\_\_\_\_, concordo em participar nas atividades relacionadas à pesquisa NARRATIVAS SURDAS: construção de identidades surdas, realizada pela aluna/pesquisadora Taiane Santos dos Santos do Curso de Mestrado na Faculdade de Educação da UFPel, sob a orientação da professora Madalena Klein.

Pelotas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a informante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela pesquisa

## FOTO COM A ORGANIZAÇÃO DAS IMAGENS DO PRIMEIRO ENCONTRO



## ENTREVISTAS ESCRITAS

### 1º ENCONTRO

*Para o auxílio da memória para esse encontro foram utilizadas fotos e recortes (mais ou menos umas 120 fotos e uns 30 recortes de jornais) de movimentos surdos de Pelotas, encontros surdos, festas, churrascos, lutas e teatro, entre outros materiais previamente organizados pela pesquisadora.*

Pesquisadora – Olá pessoal, gostaria de dizer que estou muito contente com a participação de vocês. O procedimento do primeiro encontro é o seguinte: na mesa há recortes de revistas, jornais e fotos que representam um pouco da história da comunidade surda de Pelotas. Eu consegui essas imagens no Blog e na sede da Associação dos Surdos de Pelotas, e como vocês sabem, o que pretendo com nossos encontros é conhecer um pouco sobre a história de vocês e as influências que tiveram em suas vidas para formarem suas identidades. Então gostaria que escolhessem três imagens ou mais, caso assim preferirem, que lembrem alguma coisa sobre sua trajetória de vida e digam por que escolheram, o que representam e o que ela têm a ver com sua vida. Essas imagens servem para auxiliar a memória de vocês sobre coisas que gostariam de comentar.

**Obs. 1:** Depois desse esclarecimento ficaram, os respondentes ficaram à vontade para escolherem as gravuras e logo começaram as narrativas.

**Obs. 2:** Passo então a trazer as imagens com o nome que os respondentes deram a elas, e ao lado as sinalizações dos envolvidos na pesquisa. Toda vez que não aparecer a imagem ao lado da narrativa é porque essa imagem poderia identificar o participante da pesquisa ou expor pessoas sem prévia autorização.

## Manuella



Figura 1: imagem disponível no acervo da ASP.

1º foto: **Reunião em função do bilinguismo** – Os surdos se reuniram para não deixar que o INES fosse fechado. Reuniram-se surdos, professores e intérpretes de Pelotas e de todo o Brasil, reivindicando para que o INES continuasse aberto, porque a inclusão é muito complicada para os surdos. Esse movimento foi muito emocionante por ver esses surdos reivindicando, foram muitos participantes de todos os lugares do Brasil, os que não puderam ir a Brasília organizaram movimentos em suas próprias cidades. Em Pelotas aconteceu uma manifestação no centro e foi muito emocionante. As manifestações mostram que não podemos parar, temos que lutar, buscar informações, ter coragem e força para lutar por nossos direitos.

2º foto: **Teatro surdo** – Eu adoro o teatro, pois ele é cultural para os surdos, ele mostra a Libras e histórias adaptadas para os surdos. Os surdos têm uma grande prática no teatro, é como se fosse um show, eles têm capacidade de mostrar suas expressões com facilidade. Eu espero que no futuro tenha muito mais teatro surdo.



Imagem 2: disponível no Picasa.

<https://picasaweb.google.com/101533796033239933472/7FEES#5641856845860274306>



3º foto: **Um desfile na ASP** – Eu escolhi essa foto porque eu sou famosa. A história é que eu tenho uma amiga surda que gosta de moda e eu a convidei para ir na ASP em função da festa do dia dos surdos (26 de setembro). Ela é modelo, então nos estimulou a fazer um desfile, assim nós mostramos que os surdos também podem participar de desfiles. Eu nesse desfile ganhei o título X. Adorei ser famosa. Eu também gostaria de desfilar, fazer eventos na Fenadoce e na ASP. Precisamos ter coragem para mostrar que as surdas também podem, somos bonitas e temos capacidade.

4º foto: **Reunião dia do surdo** – No dia 26 de setembro participei de um encontro com muitos surdos, muitos deles já não estão mais em Pelotas, muitos conhecidos já casados, outros com filhos, foi muito legal esse encontro e tinha um grande número de surdos. Eu fiquei admirada com uma criança ouvinte, filho de um casal surdo que são meus amigos, essa criança sinalizava



como um surdo. Eu mexia com ele, como tu consegues, acho que és surdo, ele ria e dizia que não. Foi muito bom esse encontro com os amigos, ainda mais naquele ambiente com contato com a natureza. Essa lembrança me traz muito prazer.

Imagem 3: disponível em <http://asp-1999.blogspot.com/>.

## João Pedro

1ª foto: **Professora X em um movimento na cidade** – Ela estimula os surdos, ensina muita coisa para as crianças surdas, ela é um referencial, ela vive estimulando a todos, inclusive a mim quando fui seu aluno, possibilitando o meu crescimento e me ajudando a não perder informações. Ela é uma professora muito boa, muito especial, é uma professora perfeita.



2º foto: **Teatro surdo** – É um grupo de amigos e são muito importantes no teatro, porque na peça eles mostram nossa língua, curiosidades e cultura surda. Com o teatro as crianças se apaixonam e ficam muito interessadas,



felizes, se identificam com as histórias, com as lutas. Graças a Deus estão sempre acontecendo novas peças, que estão cada vez melhor, mostram nossa força, que somos surdos e temos o direito de mostrar nosso trabalho.

Imagem 4: disponível no Picasa.

<https://picasaweb.google.com/101533796033239933472/7FEES#5641857171737146066>

3ª foto: **Encontro surdo** – São amigos surdos, com os quais estabelecemos trocas para nos desenvolver e nos abrir para novas transformações. Se eu estivesse só em casa, eu estaria sozinho, isso muitas vezes deixou minha mãe preocupada, eu e minha mãe não temos muita comunicação, minha família é toda ouvinte, isso é muito ruim, temos dificuldades em nos entender. Então é preciso sair com os surdos, participar do



grupo para me comunicar e me desenvolver mais com esse contato. Eu me reúno com os surdos para bater papo, contar piada, conhecer o mundo e me divertir, por isso que é importante esse nosso encontro.

Imagem 5: disponível no Picasa.

<https://picasaweb.google.com/101533796033239933472/MovimentoSurdo200511EscolasBilinguesECulturaSurda#5610414714766588066>

4ª foto: **Professora surda dando aula em uma escola de surdos** - É uma turma da escola X com uma professora surda. O contato de crianças surdas com uma professora surda é muito mais válido, se trabalha com a Libras, com a cultura surda e com objetos concretos. Quando falo de objeto concreto me lembro de uma professora que tive na terceira série na escola, que me ensinou a Matemática, a questão da régua numérica, construindo o conhecimento com

material concreto, com lã e papel. Pendurávamos números na lã e ali fazíamos cálculos, e recortando papel trabalhávamos com adição e subtração. Usando sempre o visual a Matemática fica bem mais fácil. Outra vez, quando estávamos estudando as charqueadas, fomos até lá e foi muito legal ver o que estávamos estudando. Essas lembranças da escola quando trabalhávamos com material concreto e com o visual trazem lembranças boas da aprendizagem. Uma professora surda sabe dessa importância e também compartilha a mesma língua dos seus alunos, por isso é tão bom ter uma professora surda ensinando os surdos.

### John Lennon

Eu escolhi 3 fotos que fazem parte de três fases diferentes de minha vida, em que tem coisas boas e coisas ruins.

1ª foto e primeira fase: **Encontro antigo na associação** - Eu tinha 15 ou 16 anos e estava começando a participar da associação, mas ainda não aceitava a surdez, participei um pouco e depois parei porque o significado de estar ali para mim era de um encontro somente, e foi aos poucos que fui entendendo o significado dele. Eu achava muito estranho esse encontro onde utilizavam a Libras, para mim era diferente, eu não cresci com Libras, eu aprendi diferente, eu oralizava e sentia um pouco de vergonha da Libras, eu achava normal oralizar, mas comecei usar Libras com os surdos e ter esse contato, daí comecei a me surpreender com o grupo de surdos e me sentir normal como surdo. Esse contato me fez aprender muito, hoje a Libras para



Imagem 6: disponível no acervo da ASP.

mim é muito normal, eu a uso muito melhor, é a minha língua. Antes eu ficava comparando a Libras com o Português, achava muito diferente. Eu ficava observando, mas ainda não participava disso.

2ª foto e segunda fase: Camisetas 100% surdo – Esse foi um movimento surdo em Pelotas, nesse eu estava começando a participar e a militar, porque antes eu não fazia isso. Essa foto representa minha primeira participação mesmo nas lutas surdas como integrante da comunidade surda. Antes de acontecer esse movimento eu fui para um congresso em São Paulo (1999), os



Imagem 7: disponível no acervo da ASP.

surdos de Pelotas junto com os ouvintes conseguiram verbas com a prefeitura para uma excursão para esse congresso, eu não estava com muita vontade, mas resolvi ir. Quando eu cheguei lá vi intérpretes e eu não entendia muito bem a comunicação. Eu ficava olhando o que estava acontecendo lá e comecei a me surpreender, eu não acreditava

que havia surdos que trabalhavam com a Libras e tinham capacidades, entendiam a Libras, percebi que ela não significava prejuízo, pelo contrário, ela capacitava a comunicação e havia surdos professores, estavam palestrando e eu ficava admirado, havia muitos surdos. No fim do congresso voltei para Pelotas e os surdos começaram a se reunir e pediram minha ajuda, eu não sabia dizer não e não sabia o que fazer nessas reuniões de lutas dos surdos, mas fui, comecei a participar mais, a me envolver mais, a aceitar a usar a Libras, a me aceitar como surdo e assim fui constituindo minha identidade de surdo. Minha mente ficou aberta para isso. Eu comecei a ter mais tempo para a associação, para reuniões, festas e lutas mesmo e também nos organizamos para que tivéssemos acesso à educação e com isso a inclusão na escola municipal X, assim como a luta por intérpretes para os surdos estudarem. Eu estava estudando em uma escola de ouvintes em outro lugar, mas troquei para essa escola de inclusão porque tinha intérprete, eu estava cansado de oralizar e percebi que com intérpretes e com a Libras era muito mais fácil. Claro que na escola X tinha coisas boas e ruins, na verdade comecei a perceber isso.

Eu estava acostumado com uma sala de ouvintes onde o único surdo era eu, mas na escola de inclusão com interpretes e surdos lado a lado, era

bem diferente, nesse meio eu percebi que pensava diferente. A inclusão foi confusa no sentido de que os outros surdos ficavam preocupados comigo porque eu era diferente, percebi que as opiniões divergiam. Eu acho que eu comecei a me aceitar ali nas divergências, comecei aceitar minhas opiniões. A minha identidade verdadeira se perdeu quando eu comecei a querer ser igual aos surdos, concordar com tudo, me adaptar para ficar igual a eles. Até que a minha mãe percebeu que eu estava diferente e me disse que eu tinha que equilibrar a minha identidade, o que eu sou e o que os surdos são, não precisava ser igual a todos, mas ignorei minha mãe, eu era muito jovem e precisava fazer o que faziam, parei de ler, o que eu adorava antes, parei de utilizar o Português completamente que eu tinha usado até então. A minha identidade ficou meio louca, porque eu estava mudando completamente.

Depois da formatura comecei rever os meus conceitos, entendi que a minha mãe tinha razão quando dizia que eu tinha que equilibrar, poderia viver a comunidade surda, mas não poderia me anular, não poderia deixar de ter minhas opiniões e vontade própria, comecei a entender que temos diferentes identidades, que preciso ser eu mesmo.

3ª foto e terceira fase: Encontro chamado de Festival de Educação de Surdos (VII FEES) – É uma foto atual na qual eu estou presente e representa que hoje eu tenho a minha identidade formada, eu respeito a comunidade surda, ajudo, mas não posso ficar sempre me igualando, a minha identidade não é igual a de todos. Eu penso que a identidade tem um tempo diferente, antes se forçava a ter a identidade surda como uma só, mas agora não, eu percebo que existem identidades diferentes e têm que ser respeitadas, a comunidade surda está mais madura e está entendendo isso.

## Seu Vavá

A comunidade surda é bem importante para mim, eu lembro que antes não tinha comunicação em língua de sinais, era só oralização, teve que ter muita luta em todo o Brasil, foram muito fortes essas lutas, fomos buscando até que conseguimos que se desconstruísse a ideia de oralização, que a Libras fosse oficializada porque para o surdo ela é muito importante, diz respeito ao surdo. Isso foi muito importante para o crescimento do surdo.



Imagem 8: disponível em <http://www.surdosnoar.kit.net/diadosurdo.html>.

1ª foto: **Passeata do dia do surdo (26 de setembro)** – Representa o dia do surdo e para mim esse é um dia de reivindicação no Brasil inteiro para mostrar que os surdos têm capacidade, que têm comunicação sim, têm uma língua, têm direitos. O surdo não é doente, ele é capaz de fazer várias atividades assim como os ouvintes, e isso é muito importante para mim.

2ª foto: **Professora surda** – Essa é a professora X, professora da escola X, é surda e trabalha lá há 12 anos, se formou na faculdade X. Ela é muito importante porque ensina os surdos, tem uma representação muito grande na comunidade surda porque ensina os surdos de 1ª a 8ª séries, é um trabalho muito bom. Ela representa a educação desses surdos hoje e mostra a capacidade dos surdos hoje, tem vários surdos com graduação, uns no Mestrado mostrando que são iguais aos ouvintes. Quando eu era criança não tinha isso, eu não tinha a língua de sinais, estudava com ouvintes, eu era obrigado a oralizar e agora fico muito feliz com essas mudanças.



Imagem 9: disponível em <http://asp-1999.blogspot.com/>.

3ª foto: **Time de futebol** - Julgo muito importante os torneios, campeonatos porque esses jogos estimulam os surdos para aprender a jogar, ter contato com os esportes e quem sabe no futuro disputar a copa do mundo. Quando foi criada a ASP, em 1999, nós já começamos a nos organizar no futebol e a participar de campeonatos em várias cidades do Rio Grande do Sul.

4ª foto: **1ª turma de formandos do magistério na cidade de Pelotas** – São surdos que mostraram que têm capacidade, foram os primeiros surdos de Pelotas formados no magistério, pioneiros da inclusão no colégio X. São referência para os surdos, ensinam as crianças, são referenciais para as crianças e isso me emociona bastante. Eu me lembro que agora, há pouco tempo, teve um movimento para não fecharem o INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Queriam fechar o instituto, os surdos se organizaram, fizemos uma manifestação, foi um movimento muito grande, quase cinco mil pessoas foram a Brasília e o governo se assustou muito porque nós reivindicamos pelo não fechamento do INES, nós mostramos o que queremos e o direito de ter respeitadas nossas vontades. E essa foto mostra militantes fortes que são o futuro dos surdos.



5ª foto: **Teatro surdo** – O teatro mostra para todo mundo a história dos surdos, piadas, capacidade de emocionar a todos e mostra nossa língua.

Imagem 10: disponível em <https://picasaweb.google.com/101533796033239933472/7FEES#5641856845860274306>.

## Justiceiro



Imagem 11: disponível no acervo da ASP.

1ª foto: **Encontro surdo** – Eu escolhi porque é uma foto de surdos jovens que têm a coragem de lutarem juntos pela comunidade surda, eu fico admirado. Eu lembro quando eu era pequeno aqui na escola de surdos, eu só oralizava, depois fui para Porto Alegre estudar lá, então eu aprendi

a língua de sinais. quando cheguei comecei a copiar a língua de sinais e achei bom, comecei a utilizá-la, mas depois minha família precisou voltar para Pelotas, retornei quando tinha uns 16 ou 17 anos, eu estava na sexta série, fiquei surpreso porque descobri que não tinha a sexta série na escola de surdos e muito menos o segundo grau. A minha mãe foi reclamar, mas tivemos que aceitar. Então eu fui para outra escola estudar à noite, fui para uma turma de inclusão, mas só tinha mais um surdo na minha sala, ele era todo envergonhado. Eu estudei com muita dificuldade, queria usar sinais e os professores não deixavam, eu ficava pensando por que não podia e ficava confuso. O surdo que estudava comigo não sabia nada da língua de sinais, eu escondido ensinava os sinais para ele e também para outros amigos surdos. Bom, eu queria intérpretes, não queria inclusão e queria trabalhar, então eu parei de estudar, me casei e tive filho. Hoje tudo está diferente e eu fico muito feliz com isso, os surdos têm a língua de sinais, têm intérpretes e têm acesso à educação com mais facilidade.

2ª foto: **Uma professora surda em um movimento surdo** – Essa foto traz uma pessoa que representa coragem e é um exemplo para mim, eu dou parabéns para ela porque é professora de surdos, é surda e é uma conquista para Pelotas. Com pessoas como ela sabemos que o futuro dos surdos será bem melhor, se antes os surdos eram limitados até a quinta série, hoje não têm



fronteiras, os surdos têm uma estrutura pronta para progredir. Eu agradeço a Deus por isso.

3ª foto: **Encontro surdo** – São surdos bem jovens que têm acesso à informação, à leitura e precisam buscar por isso sem ter ciúmes dos surdos



que palestram, que são professores e trabalham. Os surdos precisam ter a mente aberta, precisam participar da ASP e não deixá-la fechada como está, precisam dar apoio escolar, formar intérpretes etc.

Imagem 12: disponível em

<https://picasaweb.google.com/101533796033239933472/MovimentoSurdo200511EscolasBilinguesECulturaSurda>.

Pesquisadora – Justiceiro, será que poderias contar um pouco mais sobre quando aprendeste a língua de sinais e como era ensiná-la para os surdos que não a conheciam? Fiquei curiosa.

Justiceiro - Eles perceberam que aprendiam mais fácil com a Libras do que com a oralização, ficavam curiosos e queriam aprender. É preciso ter a Libras mesmo que se oralize. Eu pedia pela Libras na escola, eu gostava de Libras, mas eu era obrigado a só oralizar para me parecer com um ouvinte, mesmo sabendo que eu nunca seria um ouvinte. Outra coisa é a importância dos referenciais surdos e naquele momento eu era um referencial porque sabia Libras. Os surdos precisam saber que podem ser o que quiserem no futuro. Agora que eu tenho 42 anos, me arrependo de não ter feito cursos de capacitação, mas antes eu não sabia de nada, no que vem eu vou fazer um curso bem rápido para não perder tempo.

Pesquisadora – Gostaria de pedir para o próximo encontro que escolham algum material, objetos, imagens, roupas e utensílios que lembrem algum acontecimento da vida de vocês, que seja significativo na construção dos sujeitos que são hoje. Muito obrigada pelas histórias e assim terminamos nosso primeiro encontro.



## 2º ENCONTRO

***Para o auxílio da memória os respondentes utilizaram o material trazido por eles de casa, como foi solicitado na última entrevista, ou desenhado por eles na hora (essa foi a estratégia utilizada para quem esqueceu de trazer)<sup>38</sup>.***

Pesquisadora - Podemos falar sobre o material que trouxeram, por que escolheram e o que esse material nos conta.

Manuella – Lembrei-me do combinado da aula passada, quando conversamos sobre minha constituição surda e eu me senti muito bem, então fiquei mais curiosa ainda para esse próximo encontro e fiquei pensando o que trazer, assim escolhi algumas coisas.

### **Uma camiseta com o alfabeto em Libras.**

Essa é uma camiseta de quando eu era criança, tinha 2 ou 3 anos e quando eu usava essa camiseta ficava olhando as letras em Libras. Eu lembro um dia que a minha mãe perguntou: - Como tu aprendes esses sinais? Eu respondi: - É que eu fico olhando e assim eu aprendo, eu ia procurando as



letras do meu nome e mostrava, então ela entendeu. Eu nunca quis colocar fora essa camiseta, ela é como se fosse uma marca minha, faz parte da minha cultura, também tenho outras camisetas com sinais que eu adoro, quando eu colocava a camiseta ficava mais fácil, ela mostrava os sinais, muita gente perguntava como se escrevia algumas palavras, minha mãe também perguntava, por exemplo: casa,

---

<sup>38</sup> As imagens apresentadas nesse segundo encontro foram registradas por mim por fotos e a maioria foi exposta aqui, apenas as que de alguma forma identificariam o narrador não foram expostas.

eu explicava e mostrava o alfabeto, era difícil esquecer, eu achava muito interessante e bem mais fácil.

O meu primeiro contato com a Libras foi quando eu tinha mais ou menos um ano na escola X, mas ensinavam principalmente a oralizar, não era bem a Libras que ensinavam, só mostravam o alfabeto manual, o que usavam mesmo era a oralização e eu também usava aparelho, era difícil, eu não entendia o significado, também ensinavam música, a usar a voz, não queriam que se usasse Libras e tinha um tratamento vocal, eu não gostava, era um sofrimento, na rua usávamos sinais, mas na escola não queriam que nós usássemos, tinha que ter muita paciência, na sala quando a professora se virava nós sinalizávamos escondido, era chato estimular a voz. Com o tempo veio a lei e liberou a Libras, daí ficou muito mais fácil porque antes com o Português nós perdíamos o significado das palavras, eu conseguia entender um pouco porque eu escutava um pouco, então eu conseguia oralizar, a minha família é toda ouvinte e me ajudava a oralizar, na minha escola eu também fui me adaptando e faço isso até hoje. Mas oralizar é muito complicado, eu não quero oralizar, quando foi liberado o uso da Libras tudo ficou mais fácil, tem significado e é mais tranquilo, antes de tanto usar a voz eu tinha até febre, mas eu conseguia oralizar, só não consigo falar perfeito, mas para mim é muito mais natural a Língua de Sinais.

### Camiseta de um evento da região Sul.

Essa é a camiseta de uma palestra no colégio X, foi feita em uma universidade particular da minha cidade, uma palestra sobre cultura surda e



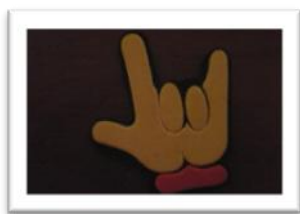
explicaram que o Rio Grande do Sul foi o primeiro estado no Brasil a utilizar a Libras, aqui o movimento era muito forte e ajudou para que fosse oficializada a lei que coloca a Libras como uma língua. Explicaram o que essa lei significava e também falaram muito da cultura surda, era um encontro de surdos de todo o Rio Grande do Sul. Eu fiquei muito curiosa e

comecei a entender melhor o significado da lei. Essa camiseta tem o mapa do Rio Grande do Sul, traz o nome do evento e do estado. Por causa da sua história de luta é que eu escolhi trazer essa camiseta.

João Pedro - Eu trouxe algumas coisas importantes para mim.

### Mãozinha com o sinal de eu te amo.

Eu trouxe porque é uma marca do surdo, no dia dos surdos os alunos da escola X fizeram e distribuíram na festa. E eu ganhei essa, ela tem o significado universal de eu te amo.



### Camiseta da escola em que eu estudava.

Uma camiseta de muito tempo, de quando eu estava no primeiro grau. Quando eu comecei a estudar eu tinha dois anos e para conseguir me desenvolver mais, para me comunicar com os outros surdos, eu parecia que estava sempre bravo, quieto no meu canto, e eu começava a olhar os outros surdos sinalizando e ficava admirado, eles já eram grandes, adultos e eu ainda criança, eu ficava quieto só olhando, tinha vergonha e às vezes eu estava bravo mesmo. Com o tempo fui aprendendo e me desenvolvendo em Libras e isso foi muito rápido porque isso é natural, eu olhava e já aprendia. Na oitava série quando me formei, fiquei feliz por isso, escolhi essa camiseta que é de antes da oitava série e representa a minha constituição na Libras.

### Camiseta de Formatura.

Essa outra camiseta é de formatura e representa um momento de felicidade minha e da minha família, porque eu estava me formando na oitava série, estava pronto, tinha aprendido muita coisa. Minha turma estava se formando, agora iríamos nos separar, ir para outra escola, mas já tínhamos concluído o

Ensino Fundamental e eu ia continuar estudando, a minha família estava muito feliz.

### Reportagem sobre surdos da revista Nova Escola.

Eu também escolhi essa revista Nova Escola porque a minha mãe viu que tinha surdos e me deu, tinha coisas novas falando de surdos, ensinando como



utilizar sinais, gramática, animais, objetos etc, ensinando que os sinais fazem com que os surdos se desenvolvam melhor. Se os surdos conhecerem os sinais eles conseguem se desenvolver. Nas escolas de surdos agora utilizam Libras, chegam alunos que não sabem nada de sinais e com o contato eles aprendem bem rápido, se adaptam junto com os surdos mais

velhos, acontece a aprendizagem de Libras bem rápido, isso é muito bom. Tem que haver sempre escola de surdos em todo o Brasil. Gostei muito de ler essa revista.

### Quinto - Apostila de Libras.

Essa é uma apostila de Libras que mostra os sinais, já ganhei há muito tempo, eu lembro que a minha mãe ficou muito feliz. Quando eu ganhei ficava olhando



os sinais e ia aprendendo pelos desenhos, minha mãe também aprendeu um pouco pela apostila, mas agora já esqueceu. Isso é Libras e é muito importante, vamos parar com a oralização, a Libras é muito mais tranquila e dá para ensinar os ouvintes, a Libras é clara, ela abre nosso entendimento e eu aprendi na minha escola, por isso que eu amo essa escola.

Pesquisadora – João Pedro, qual é o papel da família na educação de surdos para ti?

João Pedro - Os pais precisam ter amor pelos filhos que são surdos, quando vão ao médico porque percebem que os filhos não escutam barulho e descobrem que os filhos são surdos, eles precisam amar esses filhos.

Manuella – Eu me lembrei de uma coisa e gostaria de comentar aproveitando a sinalização do João Pedro, na escola em que estudei a minha mãe também aprendeu Libras, tem um curso de Libras para as mães. Quando eu era pequena a minha mãe também aprendeu Libras porque ficava preocupada em como seria nossa comunicação, para não perder esse contato com a nossa língua, mas a maior parte dos pais não têm tempo, pois trabalham, mas eles querem ajudar os filhos para que tenham essa comunicação, explicar as coisas para os filhos, mas nem sempre os pais conseguem fazer isso. A minha mãe é quase uma intérprete, mas o meu pai, tudo que aprendeu, já esqueceu, então a minha mãe serve de intérprete para gente. Eu tenho uma prima surda que mora em Porto Alegre, mas usa o implante coclear, então não utiliza língua de sinais, só oraliza, mas a minha família aprendeu Libras por minha causa. Outra coisa, eu uso aparelho auditivo, eu não sinto dor de cabeça, para mim é normal, porque eu percebo carro, moto, avião, mas eu vou sempre ao médico porque eu escuto música muito alta, eu não tenho problema nenhum com barulho eu uso aparelho há 19 anos, eu gosto de música, gosto de CTG e me sinto bem com aparelho, diferentemente de muitos surdos, mas eu sou surda e não deficiente auditiva.

João Pedro - Eu poderia usar o aparelho para oralizar, mas o barulho é muito chato, antes eu usava dois aparelhos, mas eu dei para a minha avó porque ele me irritava, eu não consigo definir os sons, então o aparelho me incomoda, agora eu não uso mais, eu não gosto.

John Lennon – Meu desenho tem o tema de:

### Desenho de choque linguístico

O desenho representa uma professora no quadro negro, uma intérprete e eu. Escolhi o tema choque linguístico porque antes de estudar em um colégio com



inclusão eu estudava em uma escola só de ouvintes, eu era o único surdo, não tinha intérprete, os professores ditavam as palavras mais perto de mim e devagar, depois que eu comecei a participar mais da comunidade surda e comecei a aprender Libras é que passei para uma escola com inclusão.

Lá tinha intérpretes, eles sinalizavam,

por exemplo: abram os cadernos e copiem agora e também o que os professores falavam, mas eu percebi que na interpretação faltavam preposições, vírgulas, estruturas básicas do Português, então comecei a me questionar por que não tinham essas estruturas, eu estranhava aquilo tudo. Foi depois de um tempo que eu comecei a entender que a Libras é outra língua e tem diferenças em relação ao Português, comecei a entender que ela tem uma estrutura própria. Mas no começo foi um choque para mim, eu fiquei muito surpreso, depois que comecei a entender tudo ficou mais tranquilo, entendi que a tradução não é uma cópia. Essa construção da minha identidade surda foi se dando com encontros e desencontros, com entendimento das diferenças e com todos os estranhamentos que tive, as dúvidas todas fazendo parte da minha construção.

Seu Vavá – Eu fiz várias casinhas.

Casinhas: 1. Alfredo Dub, 2. Colégio Pelotense, 3. Assis Brasil, 4. ASP, 5. Cidades, 6. Mundo.



Organizei as casinhas nessa ordem porque dessa forma é que os surdos podem ser incluídos na sociedade. O ambiente familiar para os surdos é muito importante, porque depois de ter a avaliação médica de que a criança é surda a família tem que levar para uma escola de surdos, que pode ter um

ensino melhor para o surdo estudar, crescer e poder se desenvolver no mundo, até conseguir se relacionar com o mundo, concluir Ensino Fundamental, Médio, graduação, pós, doutorado. É muito importante o acompanhamento familiar.

### **3º ENCONTRO**

***Para o auxílio das narrativas os surdos assistiram a um vídeo feito pela pesquisadora com recortes das narrativas dos dois encontros anteriores, divididas em 7 tópicos: Libras; comunidade surda; ASP e movimentos surdos; identidades surdas; cultura surda; referencial surdo e família. O vídeo foi feito com o intuito de analisarmos juntos as narrativas que tiveram maior incidência para termos a possibilidade de complementá-las ou até mesmo de modificá-las, além de conhecer as narrativas expostas por todos do grupo, falar dos seus sentimentos ao assistirem ao que narraram e explicitar como foi participar da pesquisa.***

**Pesquisadora** – Só para lembrar, as narrativas a que vamos assistir são dos encontros anteriores e estão separadas em sete tópicos, os quais eu selecionei de acordo com o que eu percebia nas narrativas de todos. Assim que acabar o primeiro tópico interromperei o vídeo para quem quiser fazer um comentário sobre o que assistiu ou sobre o que sentiu ao ver sua narrativa.

**Obs:** O grupo não fazia nenhum comentário entre eles enquanto assistiam ao vídeo, apenas estavam compenetrados no que viam.



Pesquisadora – Algum comentário do tópico sobre narrativas de Libras?

Manuella – Eu vendo o John Lennon sinalizando sobre a escola de inclusão X, percebi que isso também combina com a minha história, as questões de intérpretes, quando tínhamos que escrever, o professor ficava explicando e eu ficava olhando para o intérprete, no momento em que eu ia copiar as coisas ficavam confusas. - Por que isso? - eu me perguntava. Hoje eu sei que tem as questões do Português, a Libras tem estrutura diferente do Português, no momento em que eu copio eu percebo que às vezes eu não entendo nada, porque não entendo muito bem a estrutura do Português. Eu consigo me ver muitas vezes na sinalização de John Lennon (narrativa assistida no filme em questão).

Seu Vavá – Eu concordo com a Manuella.

**Obs:** Como ninguém mais se manifestou passamos para o outro tópico. Novamente assistiram sem comentários, apenas com leves sorrisos, dando a entender que estavam concordando com alguma narrativa.

Pesquisadora – O que gostariam de relatar sobre as narrativas da comunidade surda?

**Obs:** Houve uma pequena observação de um dos integrantes, que era quem mais se colocava: - Só eu vou falar, vocês também precisam se colocar. Essa provocação deu resultados.

Manuella – A questão da comunidade surda é muito forte e aqui todos nós participamos dela, eu acho que isso é muito importante, não podemos perder o contato com a comunidade surda.

Seu Vavá – Eu lembro, por exemplo, as festas da ASP, dos churrascos, são os momentos que mais me deixam com saudade, bater papo com os surdos, ter essa convivência é muito importante para a vida dos surdos.

Justiceiro – Ao observar as filmagens, me lembro de que a língua de sinais é a nossa comunicação e temos essa necessidade de usar as mãos, de sinalizar, de nos apropriarmos de outras coisas. Às vezes quando estamos sozinhos



vamos sinalizar só na frente do espelho, mas nós queremos mais, temos a necessidade de comunicação em Libras, precisamos nos encontrar. Então a gente combina encontros e passeios, é muito importante estarmos com nossos iguais, na universidade, no trabalho, porque assim como os ouvintes se juntam e conseguem se desenvolver, nós também não podemos ficar sozinhos, nós temos que nos juntarmos para nos desenvolver, chamar os outros surdos para que o nosso grupo cresça cada vez mais. Essas imagens mostram que os surdos estavam lá sinalizando, muitas vezes ficamos cansados de sinalizar, voltamos para casa tão cansados porque não paramos de sinalizar, temos muita vontade de sinalizar, nós precisamos sinalizar.

Pesquisadora – Muito bem podemos passar para próxima? Podemos colocar a filmagem de dois tópicos de cada vez para terem mais subsídios para pensarmos as narrativas oportunizando a elaboração de outras narrativas. O que acham?

**Obs:** Todos concordaram, então prosseguimos dessa forma.

Pesquisadora – Narrativas sobre a ASP e Movimentos Surdos; narrativas sobre identidades surdas. Que comentários gostariam de fazer?

John Lennon - A ASP é o lugar para conhecer a cultura surda e para encontrar os amigos, por isso que nos reunimos para conhecer e registrar o momento do encontro em festas e jogos, mas também é o local de lutas e reivindicações.

Seu Vavá – No passado aconteceu a inclusão dos surdos nas escolas, aconteceram muitas conquistas aqui em Pelotas. Por exemplo, uma história que aconteceu em Pelotas foi a reunião de vários surdos que foram para um Congresso em São Paulo, lá viram muitas coisas boas, viram realidades diferentes da nossa. Quando eles voltaram começaram a divulgar o que viram, que não precisavam oralizar e sim sinalizar, e isso foi muito importante. Também a criação da ASP, as atividades de encontros e de churrascos fazem parte da constituição de nossas identidades e isso me deixa muito feliz. O surdo não é deficiente, não tem problema de inteligência, ele não é um doente, tem a mesma capacidade de um ouvinte. Na verdade o que acontecia antes é que não havia intérpretes e havia um controle sobre os surdos, hoje temos a

liberdade que não tínhamos antigamente. A escola municipal X está aumentando as turmas de surdos, a escola estadual Y também, a ASP está crescendo, a inclusão tem acontecido mais nas universidades. Acontece que temos muita sorte e eu queria agradecer à pesquisadora pelo estudo, por toda a questão do trabalho com a comunidade surda. Obrigado, Taiane.

Justiceiro – Eu tenho uma questão, o seu Vavá comentou sobre o congresso em São Paulo e eu me lembrei da história de um amigo surdo de São Paulo que contou sobre uma cidade de lá chamada Rio Branco, esse amigo sinalizou que viajou para lá e viu os surdos de lá oralizando, eram considerados DAs (deficiente auditivo), quando sinalizavam era muito pouco a ponto desse meu amigo ter que perguntar para um deles se ele era surdo ou ouvinte, e ele respondeu que era DA, teve toda uma explicação desse sujeito que disse que todos lá eram considerados DAs, e também relatou que a cidade é grande, que tem muitos movimentos, barulhos, muita buzina de automóveis e muitas vezes isso influencia os bebês que estão na barriga das mães que acabam nascendo surdos por todo esse barulho, então tem muitos DAs aqui. Eu achei muito curiosa a concepção do grupo surdo de lá.

**Obs:** Como não tinham mais observações passamos para os próximos tópicos.

Pesquisadora – Que comentários gostariam de fazer sobre os tópicos de cultura surda e de referencial surdo?

**Obs:** Como cultura surda, nos encontros anteriores, apareceu o teatro, piadas e os esportes. No referencial surdo apareceu uma professora surda e a primeira turma de surdos pelotenses formados no magistério.

Manuella - A professora X que aparece aqui estimula os pais de surdos para utilizar a Libras e ela tem um grande interesse em ensinar a língua de sinais e também a escrita, além de trazer assuntos para sala de aula a respeito da violência, do carinho e do respeito pelos outros, ela procura sempre apresentar os valores de amizade, carinho e respeito para os surdos pequenos. São coisas importantes para os surdos e para a família. Ela foi muito importante na minha vida, pois me ajudou saber quem eu sou. Ela usa muitas estratégias para auxiliar os surdos a se desenvolver, então muitas vezes quero ser igual a

ela, ela é uma referência de educação de surdos para mim, eu tenho o desejo de ser igual a ela porque sempre foi carinhosa, quando eu era aluna dela se alguém fazia alguma coisa errada na sala ela sempre dizia: não faz isso, não seja violenta, a gente não faz isso, ela nos fazia entender essas coisas, sempre com muito carinho levava a turma a entender sobre valores e também sobre a cultura surda. Por isso ela é uma referência.

Justiceiro – Eu me lembro de uma sala de aula em que eu estudava com muitos surdos, todos ficavam sentados, era uma turma só de surdos, não era aqui em Pelotas, era em Porto Alegre, tinha uma professora que era ouvinte, ela sinalizava, mas nós não nos sentíamos atraídos pela aula dela, ficávamos apenas copiando, não nos identificávamos com a aula, nada parecia interessante, a professora dava matéria e a gente copiava. Então os surdos começaram a estudar e a se formar professores, começaram a substituir os ouvintes. Quando o surdo vai para a sala de aula os alunos ficam admirados, então o professor surdo incentiva: vocês também podem estudar, o surdo tem capacidade. O professor surdo tem um maior contato com os alunos surdos, leva mais brincadeiras direcionadas ao surdo porque conhece melhor do que ninguém o que o surdo precisa, estimula o teatro surdo e insere na aula a cultura surda, é uma relação bem diferente. A professora X consegue fazer isso muito bem, assim como outros que estão nas escolas de surdos e eu sei que muito mais professores de surdos vão surgir.

**Obs:** Depois desses dois comentários ficaram sem se manifestar.

Pesquisadora – E sobre o teatro e o futebol, que apareceram em várias narrativas referente aos encontros anteriores, alguém quer fazer algum comentário?

Seu Vavá – Sobre a questão do teatro é a questão da alegria, das emoções, de mostrar a cultura, isso eu acho muito bom. E a questão do esporte, dos torneios são as viagens, o lazer, os encontros e o contato, isso é muito importante.

Manuella – Na minha opinião, no teatro nós não temos vergonha de nada, é um momento muito interessante, traz poesia, histórias e piadas. E os

esportes, o futebol tem toda uma importância de encontros, de movimentos e de prazer. O teatro e os esportes representam a nossa cultura, assim como outras coisas. A cultura surda representa nossa língua, nossas experiências e nossa forma de ver o mundo. Ela é muito importante porque nos faz identificar com o grupo e viver feliz.

João Pedro - Eu amo o teatro, ele representa a nossa cultura e o nosso desenvolvimento, eu adoro os clássicos adaptadas para nossa cultura, assim podemos ter uma identificação com as histórias.

Justiceiro – A questão dos esportes, dos torneios, das olimpíadas e do teatro são momentos importantes de descontração, mas não podemos esquecer os estudos também, que são muito importantes para nossa formação, temos que saber conciliar as duas coisas.

**Obs:** Como acabaram as manifestações, passamos para o último tópico do filme.

Pesquisadora – Algum comentário sobre as narrativas sobre a família?

João Pedro - Os pais precisam ter amor pelos filhos que são surdos, quando vão ao médico porque percebem que os filhos não escutam barulho e descobrem que os filhos são surdos, eles precisam amar esses filhos. A família precisa ajudar o filho surdo colocando-o numa escola de surdos e incentivando a conhecer a Libras para assim se desenvolver.

John Lennon - A minha mãe foi fundamental para a construção da minha identidade, ela sempre dizia que eu tinha que fazer as minhas escolhas e procurar o que fosse bom para mim, e assim eu fui me desenvolvendo.

Seu Vavá – Eu concordo, a família é fundamental para o desenvolvimento do filho.

Manuella – A família é muito importante no nosso desenvolvimento, nós nascemos e precisamos do acompanhamento dos pais, isso é fundamental.

Pesquisadora – Agora eu gostaria de saber o que sentiram ao refletir sobre os tópicos salientados por vocês nos encontros anteriores e também quanto à participação de vocês na pesquisa?

Seu Vavá – Eu aceitei participar da pesquisa e foi muito especial participar, eu agradeço a você por isso.

João Pedro – Eu gostei muito de participar, muito obrigado.

Manuella – Eu também agradeço, eu acho interessante pensar a cultura surda e ter essas trocas, eu também no futuro quero estar na universidade. Muitas vezes isso faz falta de ser divulgado, eu acho que foi perfeito.

Justiceiro – Eu aceitei participar porque queria contar minha história, assuntos relacionados à minha história. Foram muito boas as trocas, eu agradeço pela oportunidade.

Pesquisadora – Eu agradeço a todos, mais uma vez. A contribuição de vocês é o que construirá a minha pesquisa, foram histórias riquíssimas, que precisavam ser registradas e que representam vocês. Foi muito importante para mim, conhecer essas histórias. Muito obrigada pela oportunidade. E assim fechamos nossos encontros, mas não as portas para outros diálogos no futuro.